L. do D.

92

Acontece-me ás vezes, e sempre que acontece é quasi de repente, surgir-me no meio das sensações um cansaço tam terrivel da vida que não ha sequer hypothese de acto com que dominal-o. Para o remediar o suicidio parece incerto, a morte, mesmo supposta a inconsciencia, ainda pouco. É um cansaço que ambiciona, não o deixar de existir - o que pode ser ou poder não ser possivel -, mas uma coisa muito mais horrorosa e profunda, o deixar de sequer ter existido, o que não ha maneira de poder ser.

Creio entrever, por vezes, nas especulações em geral confusas dos indios, qualquer coisa d'esta ambição mais negativa do que o nada. Mas ou lhes falta a agudeza de sensação para relatar assim o que pensam, ou lhes falta a acuidade de pensamento para sentir assim o que sentem. O facto é que o que nelles entrevejo não vejo. O facto é que me creio o primeiro a entregar a palavras o absurdo sinistro d'esta sensação sem remedio.

E curo-a com o escrevel-a. Sim, não ha desolação, se é profunda deveras, desde que não seja puro sentimento, mas nella participe a intelligencia, para que não haja o remedio ironico de a dizer. Quando a litteratura não tivesse outra utilidade, esta, embora para poucos, teria.

Os males da intelligencia, infelizmente, doem menos que os do sentimento, e os do sentimento, infelizmente, menos que os do corpo. Digo "infelizmente" porque a dignidade humana exigiria o avesso. Não ha sensação angustiada do mysterio que possa doer como o amor, o ciume, a saudade, que possa suffocar como o medo physico intenso, que possa transformar como a colera ou a ambição. Mas tambem nenhuma dor das que esfacelam a alma consegue ser tam realmente dor como a dor de dentes, ou a das colicas, ou (supponho) a dor de parto.

De tal modo

somos constituidos que a intelligencia que ennobrece certas emoções ou sensações, e as eleva acima de outras, as deprime tambem se extende a sua analyse á comparação entre todas.

Escrevo como quem chora, e tenho a minha mão é um lenço recebendo as lagrimas.

Dentes ... i a ... lugares ... Via ...

BIBLIOTECA NACIONAL

2.2

L. D.

93

Gostava de estar no campo para poder gostar de estar na cidade gosto, no meio, de estar na cidade, porém com meio o meu gosto será dois.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Reparando ás vezes no trabalho litterario abundante, ou, pelo menos, feito de coisas extensas e completas, de tantas creaturas que ou conheço ou de quem sei, sinto em mim uma inveja incerta, uma admiração desprezante, um mixto incoherente de sentimentos mixtos.

Fazer qualquer coisa completa, inteira, seja boa ou seja má - e, se nunca é inteiramente boa; muitas vezes não é inteiramente má - sim, fazer uma coisa completa causa-me, talvez, mais inveja do que outro qualquer sentimento. É como um filho: é imperfeita como todo o ente humano, mas é nossa como os filhos são.

E eu, cujo espirito de critica propria me não permitte senão que veja os defeitos, as falhas, eu, que não ouso escrever mais que trechos, bocados, excerptos do inexistente, eu mesmo, no pouco que escrevo, sou imperfeito tambem. Mais valera pois, ou a obra completa, ainda que má, que em todo o caso é obra; ou a ausencia de palavras, o silencio inteiro da alma que se reconhece incapaz de agir.

Sumi-me-hei entre a nevoa,
como um extranjeiro a tudo.
Alma humana desprendida do
sabo do mar e navio com ser
superfluo á tina de tudo.

L. do D. (continuação)

Ah, comprehendo! O patrão Vasques é a Vida. A Vida, motonona e necessaria, mandante e desconhecida. Este homem banal representa a banalidade da Vida. Elle é tudo para mim, por fóra, porque a Vida é tudo para mim por fóra.

E, se o escriptorio da Rua dos Douradores representa para mim a vida, este meu segundo andar, onde moro, na mesma Rua dos Douradores, representa para mim a Arte. Sim, a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num logar differente, a Arte que allivia da vida sem alliviar de viver, que é tam monotona como a mesma vida, mas só em logar differente. Sim, esta Rua dos Douradores comprehende para mim todo o sentido das coisas, a solução de todos os enigmas, salvo o existirem enigmas, que é o que não pode ter solução.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Só uma vez fui verdadeiramente amado. Sympathias, tive-as sempre, e de todos. Nem ao mais casual tem sido facil ser grosseiro, ou ser brusco, ou ser até frio para commigo. Algumas sympathias tive que, com auxilio meu, poderia xxx - pelo menos talvez - ter convertido em amor ou affecto. Nunca tive paciencia ou attenção do espirito para sequer desejar empregar esse exforço.

A principio xxx de observar isto em mim, julguei - tanto nos desconhecemos - que havia neste caso da minha alma uma razão de timidez. Mas depois descbbri que não havia; havia um tedio das emoções, differente do tedio da vida, uma impaciencia de me ligar a qualquer sentimento continuo, sobretudo quando houvesse de se lhe atrelar um exforço proseguido. Para quê?, pensava em mim o que não pensa. Tenho a subtileza bastante, o tacto psycholgico suffiente para saber o "como"; o "como do como" sempre me escapou. A minha fraqueza de vontade começou sempre por ser uma fraqueza da vontade de ter vontade. Assim me succedeu nas emoções como me succede na inteligencia, e na vontade mesma, e em xxxxxxxxxx tudo quanto é vida.

Mas d'aquella vez em que uma malicia da opportunidade me fez julgar que amava, e verificar deveras que era amado, fiquei, primeiro, estonteado e confuso, como se me sahira uma sorte grande em moeda inconvertivel. Fiquei, depois, porque ninguem é humano sem o ser, levemente envaidecido; esta emoção, porém, que pareceria a mais natural, passou rapidamente. Succedeu-se um sentimento difficil de definir, mas em que se salientavam incommodamente as sensações de tedio, de xxxxxxx humilhação e de fadiga.

De tedio, como se o Destino me houvesse imposto uma tarefa em serões desconhecidos. De tedio, como se um novo dever - o de uma horrorosa reciprocidade - me fôsse dado com a ironia de um privilegio, que eu me teria ainda que maçar, agradecendo-o ao Destino. De tedio, como se me não bastasse a monotonia inconsistente da vida, para agora se lhe sobrepôr a monotonia obrigatoria de um sentimento definido.

E de humilhação, sim, de humilhação. Tardei em perceber a que vinha um sentimento apparentemente tão pouco justificado pela sua causa. O amor a ser amado deveria ter-me apparecido. Deveria ter-me envaidecido de alguem reparar attentamente para a minha existencia como ser amavel. Mas, à-parte o breve momento de real envaidecimento, em que todavia não sei se o pasmo teve mais parte que a propria vaidade, a humilhação foi a sensação que recebi de mim. Senti que me era dada uma especie de premio destinado a outrem - premio, sim, de valia para quem naturalmente o merecesse.

Mas fadiga, sobretudo fadiga - a fadiga que passa o

BIBLIOTECA NACIONAL

tedio. Comprehendi então uma phrase se Chateaubriand que sempre me enganara por falta de experiencia de mim mesmo. Diz Chateaubriand, figurando-se em René, "amarem-o cansava-o", on le fatiguait en l'aimant. Conheci, com pasmo, que isto representava uma experiencia identica á minha, e cuja verdade portanto eu não tinha o direito de negar.

A fadiga de ser amado, de ser amado deveras! A fadiga de sermos o objecto do fardo das emoções alheias! Converter quem quizera ver-se livre, sempre livre, no moço de fretes da responsabilidade de corresponder, da decencia de se não afastar, para que se não supponha que se é principe nas emoções e se renega o maximo que uma alma humana pode dar. A fadiga se nos tornar a existencia uma coisa dependente em absoluto de umarelação com um sentimento de outrem! A fadiga de, em todo o caso, ter forçosamente que sentir, ter forçosamente, ainda que sem reciprocidade, que amar um pouco tambem!

Passou de mim, como até mim veio, esse episodio na sombra. Hoje não resta d'elle nada, nem na minha intelligencia, nem na minha emoção. Não me trouxe experiencia alguma que eu não pudesse ter deduzido das leis da vida humana cujo conhecimento instinctivo albergo em mim porque sou humano. Não me deu nem prazer que eu recorda com tristeza, ou pesar que eu lembre com tristeza tambem. Tenho a impressão de que foi uma coisa que li algures, um incidente succedido a outrem, novella de que li metade, e de que a outra metade faltou, sem que me importasse que faltasse, pois até onde a li estava certa, e, tembora não tivesse sentido, tal era já que lhe não poderia dar sentido a parte faltante, qualquer que fôsse o seu enredo.

Resta-me apenas uma gratidão a quem me amou. Mas é uma gratidão abstracta, pasmada, mais da intelligencia do que de qualquer emoção. Tenho pena que alguem tivesse tido pena por minha causa; é d'isso que tenho pena, e não tenho pena de mais nada.

Não é natural que a vida me traga outro encontro com as emoções naturaes. Quasi desejo que appareça para ver como sinto d'essa segunda vez, depois de ter atravessado toda uma extensa analyse daprimeira experiencia. É possivel que sinta menos; é tambem possivel que sinta mais. Se o Destino o der, que o dê. Sobre as emoções tenho curiosidade. Sobre os factos, quaesquer que venham a ser, não tenho curiosidade alguma.

não digo já a primeira experiencia, mas toda a extensa analyse d'ella é que para mim a sua realidade.

2-6

Tenho deante de mim as duas paginas
grandes do livro pesado; ergo da sua in-
clinação na carteira velha, com olhos ~~fisicamente~~ cansados
uma alma mais cansada do que os olhos.
Para além do nada que isto representa,
o armazem, até á Rua dos Douradores,
enfileira as prateleiras regulares, os empre-
gados regulares, a ordem humana e o
socego do vulgar. Na vidraça ha o ruido
do diverso, e o ruido diverso é vulgar
como o socego que está ao pé das prateleiras.

Baixo olhos novos até ás duas paginas
brancas, em que os meus numeros cuidadosos
puzeram resultados da sociedade. E, com um
sorriso que guardo para mim, lembro que a
vida, que tem estas paginas ~~brancamente~~ com
os nomes de ~~[illegible]~~ fazendas e dinheiro, com os
seus brancos, os seus traços ~~e a sua~~ e a sua ~~penna~~ lettra,
inclue tambem os grandes navegadores, os santos
(todos ~~sem escripta~~), os poetas de todas as eras ~~[illegible]~~, a
vasta prole expulsa dos que fazem o valor
do ~~[illegible]~~ mundo. No proprio registo de um
tecido que não sei o que seja se me abrem as
portas do Indo e de Samarcanda, e
a poesia da Persia, que não é de um lugar nem
de outro, faz das suas quadras, desrimadas no terceiro
verso, um apoio longinquo para o meu
desassossego.

BIBLIOTECA NACIONAL

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague*? Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão de rebellar-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão, que

OUTRO TRECHO

DO "LIVRO DO DESASOCEGO", COMPOSTO POR BERNARDO SOARES, AJUDANTE DE GUARDALIVROS NA CIDADE DE LISBOA

Tenho deante de mim as duas paginas grandes do livro pesado; ergo da sua inclinação na carteira velha, com olhos cansados, uma alma mais cansada do que os olhos. Para além do nada que isto representa, o armazem, até á Rua dos Douradores, infileira as prateleiras regulares, os empregados regulares, a ordem humana e o socego do vulgar. Na vidraça ha o ruido do diverso, e o ruido diverso é vulgar, como o socego que está ao pé das prateleiras.

Baixo olhos novos sobre as duas paginas brancas, em que os meus numeros cuidadosos puzeram resultados da sociedade. E, com um sorriso que guardo para meu, lembro que a vida, que tem estas paginas com nomes de fazendas e dinheiro, com os seus brancos, e os seus traços á regua e de lettra, inclue tambem os grandes navegadores, os grandes santos, os poetas de todas as eras, todos elles sem a scripta, a vasta prole expulsa dos que fazem a valia do mundo.

No proprio registro de um tecido que não sei o que seja se me abrem as portas do Indo e de Samarcanda, e a poesia da Persia, [illegible] que não é de um logar nem de outro, faz das suas quadras, desrimadas no terceiro verso, um appoio longinquo para o meu desasocego. Mas não me engano, escrevo, sommo, e a escripta segue, feita ~~fiel~~ normalmente por um empregado d'este escriptorio.

FERNANDO PESSOA

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

... o sagrado instincto de não ter theorias...

AVISO

POR CAUSA DA MORAL

Quando o publico soube que os estudantes de Lisboa, nos intervallos de dizer obscenidades ás senhoras que passam, estavam empenhados em moralizar toda a gente, teve uma exclamação de impaciencia. Sim—exactamente a exclamação que acaba de escapar ao leitor...

Ser novo é não ser velho. Ser velho é ter opiniões. Ser novo é não querer saber de opiniões para nada. Ser novo é deixar os outros ir em paz para o Diabo com as opiniões que teem, boas ou más—boas ou más, que a gente nunca sabe com quaes é que vae para o Diabo.

Os moços da vida das escolas intromettem-se com os escriptores que não passam pela mesma razão porque se intromettem com as senhoras que passam. Se não sabem a razão antes de eu lh'a dizer, tambem a não saberiam depois. Se a pudessem saber, não se intrometteriam nem com as senhoras nem com os escriptores.

Bolas para a gente ter que aturar isto! Ó meninos: estudem, divirtam-se e calem-se. Estudem sciencias, se estudam sciencias; estudem artes, se estudam artes; estudem lettras, se estudam lettras. Divirtam-se com mulheres, se gostam de mulheres; divirtam-se de outra maneira, se preferem outra. Tudo está certo, porque não passa do corpo de quem se diverte.

Mas quanto ao resto, calem-se. Calem-se o mais silenciosamente possivel.

Porque ha só duas maneiras de se ter razão. Uma é calar-se, e é a que convém aos novos. A outra é contradizer-se, mas só alguem de mais edade a pode commetter.

Tudo mais é uma grande maçada para quem está presente por acaso. E a sociedade em que nascemos é o logar onde mais por acaso estamos presentes.

Europa, 1923.

ALVARO DE CAMPOS.

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

L. do D.

A personagem individual e imponente, que os romanticos figurávam em si mesmos, varias vezes, em sonho, a tentei viver, e, tantas vezes, quantas a tentei viver, me encpntrei a rir alto, da minha idéa de vivel-a. O homem fatal, afinal, existe nos sonhos de todos os homens vulgares, e o romantismo não é senão o virar do avesso do dominio de nós mesmos. Quasi todos os homens sonham, nos secretos do seu ser, um grande imperialismo proprio, a sujeição de todos os homens, a entrega de todas as mulheres, a adoração dos povos, e, nos mais nobres, das eras... Poucos são como eu habituados ao sonho, e lucidos bastante para rir da possibilidade de se sonhar assim.

A maior accusação ao romantismo não se faz ainda: é a de que elle representa a verdade interior da natureza humana. Os seus exaggeros, os seus ridiculos, os seus poderes varios de commover e de seduzir, residem em que elle é a figuração exterior do que ha mais dentro na alma, mas concreto, visualizado, possivel, se o ser possivel dependesse de outra coisa que não o Destino.

Quantas vezes eu mesmo, que rio de taes seducções da distracção, me encontro suppondo que seria bom ser celebre, que seria agradavel ser ameigado, que seria colorido ser triumphal! Mas não consigo visionar-me nesses papeis de pincaro senão com uma gargalhada do outro eu que tenho sempre proximo. Vejo-me celebre? Mas vejo-me celebre como guarda-livros. Sinto-me alçado aos thronos do ser conhecido? Mas o caso passa-se no escriptorio da Rua dos Douradores. Ouço-me applaudido por multidões variegadas? O applauso chega ao quarto andar onde moro e collide com a mobilia tosca do meu quarto barato, com o que me rodeia, e me amesquinha e ao sonho. Não tive sequer castellos em Hespanha, como os grandes hespanhoes de todas asillusões; os meus foram de cartas de jogar, velhas, sujas, de um baralho incompleto com que se não poderia jogar nunca; nem cahiram, foi preciso destruil-os, com um gesto de mão, sob o impulso impaciente da creada velha, que queria recompor sobre a mesa inteira a toalha atirada sobre a metade de lá, porque a hora do chá soara como uma maldição do Destino. Mas até isto é uma visão improficua, pois não tenho a casa de provincia, ou as tias velhas, a cuja mesa eu tome, no fim de uma noite de familia, um chá que me saiba a repouso. O meu sonho falhou até nas metaphoras e nas figurações. O meu imperio nem chegou ás cartas velhas de jogar. A minha victoria falhou sem um bule sequer, nem um gato antiquissimo. Morri como tenho vivido, entre o bric-à-brac dos arredores, apreçado pelo peso entre os postscriptos do perdido.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

(continuação)

Leve eu ao menos, para o immenso possivel do abysmo de tudo, a gloria da minha desillusão como se fosse um grande sonho, o esplendor de não crer como um péndão de derrota - pendão comtudo nas mãos debeis, mais pendão arrastrado entre a lama e o sangue dos fracos.....

No nevoeiro leve da manhã de meia-primavera, a Baixa disperta entorpecida e o sol nasce como que lento. Ha uma alegria socegada no ar com metade de frio, e a vida, ao sopro leve da brisa que não ha, tirita vagamente do frio que já passou, pela lembrança do frio mais que pelo frio, pela comparação com o verão proximo, mais que que pelo tempo que está fazendo.

Não abriram ainda as lojas, salvas (o) as leitarias e os cafés, mas o repouso não é de torpor, como o de domingo; é de repouso apenas. Um vestigio ~~x~~louro antecede-se no ar quese revela, e o azul córa pallidamente atravez da bruma que se esfina. O começo do movimento rareia pelas ruas, destacam-se a separação dos peões, e nas poucas janellas abertas, altas, madrugam tambem ~~x~~ apparecimentos. Os electricos traçam a meio-ar o seu vinco mobil amarello e numerado. E, de minuto a minuto, sensivelmente, as ruas desdesertam-se.

Vogo, attenção só dos sentidos, sem pensamento nem emoção. Dispertei cedo; vim para a rua sem preconceitos. Examino como quem scisma. Vejo como quem pensa. E uma leve nevoa de emoção se ergue absurdamente em mim; a bruma que vae sahindo do exterior parece que se me infiltra lentamente.

Sem querer, sinto que tenho estado a pensar na minha vida. Não dei por isso, mas assim foi. Julguei que sòmente via e ouvia, que não era mais, em todo este meu percurso ocioso, que um reflexor de imagens dadas, um biombo branco onde a realidade projecta cores e luz em vez de sombras. Mas era mais, sem que o soubesse. Era ainda a alma que se nega, e o meu proprio asbtracto observar era uma negação ainda.

Tolda-se o ar de falta de nevoa, tolda-se de luz pallida, em a qual a nevoa como que se mixturou. Reparo subitamente que o ruido é muito maior, que muito mais gente existe. Os passos dos mais transeuntes são menos apressados. Apparecem ~~x~~, a quebrar a sua ausencia e a menor pressa dos outros, o correr andado das varinas, a oscillação dos padeiros, mostruosos de cesto, e egualdade divergente das vendeiras de tudo mais desmonotnoniza-se só no conteúdo das cestas, onde as côres divergem mais que as coisas. Os leiteiros chocalham, como chaves ôcas e absurdas, as latas deseguaes do seu officio andante. Os policias estagnam nos cruzamentos, desmentido parado da civilização ao movimento invisivel da subida do dia.

Quem me dera, neste momento o sinto, ser alguem que pudesse ver isto como se não tivesse com elle mais relação que de vel-o - contemplar tudo como se fôra o via-

BIBLIOTECA NACIONAL

jante adulto chegado hoje á superficie da vida! Não ter aprendido, da nascença em deante, a dar sentidos dados a estes coisas todas, poder vel-as na expressão que teem separadamente da expressão que lhes foi imposta. Poder conhecer na varina a sua realidade humana independente de se lhe chamar varina, e de se saber que existe e que vende. Vêr o policia como Deus o vê. Reparar em tudo pela primeira vez, não apocalypticamente, como revelações do Mysterio, mas directamente como floraçõ̃es da Realidade.

Soam - devem ser oito as que não conto - badaladas de horas de sino ou relogio grande. Accordo de mim pela banalidade de haver horas, clausura que a vida social impõe á continuidade do tempo, fronteira no abstracto, limite no desconhecido. Accordo de mim e, olhando para tudo, agora já cheio de vida e de humanidade costumada, vejo que a nevoa que sahiu de todo do ceu, salvo o que no azul ainda paira de ainda não bem azul, me entrou verdadeiramente para a alma, e ao mesmo tempo entrou para a parte de dentro de todas as coisas, que é por onde ellas teem contacto com a minha alma. Perdi a visão do que via. Ceguei com vista. Sinto já com a banalidade do conhecimento. Isto agora não é já a Realidade: é simplesmente a Vida.

... Sim, a vida a que eu tambem pertenço, e que tambem me pertence a mim; não já a Realidade, que é só de Deus, ou de si mesma, que não contem mysterio nem verdade, que, pois que é real ou o finge ser, algures existe fixa, livre de ser temporal ou eterna, imagem absoluta, idéa de uma alma que fôsse exterior.

Volvo lentos os passos mais rapidos do que julgo ao portão para onde subirei de novo para casa. Mas não entro; hesito; sigo para deante. A Praça da Figueira, bocejando venderes de varias côres, cobre-me o horizonte de ambulante. Avanço lentamente, morto, e a minha visão já não é minha, já não é nada: é só a do animal humano que herdou a cultura grega, a ordem romana, a moral christã e todas as mais illusões que formam a civilização moderna.

Onde estarão os vivos?

esfreguezando-se

103

DO "LIVRO DO DESASOCEGO"

COMPOSTO POR BERNARDO SOARES, AJUDANTE DE GUARDALIVROS NA CIDADE DE LISBOA

Hoje, em um dos devaneios sem proposito nem dignidade que constituem grande parte da substancia espiritual da minha vida, imaginei-me liberto para sempre da Rua dos Douradores, do patrão Vasques, du guarda-livros Moreira, dos empregados todos, do moço, do garoto e do gato. Senti em sonho a minha libertação, como se mares do Sul me houvessem offerecido ilhas maravilhosas por descobrir. Seria então o repouso, a arte conseguida, o cumprimento intellectual do meu ser.

Mas de repente, e no proprio imaginar, que fazia num café no feriado modesto do meio do dia, uma impressão de desagrado me assaltou o sonho: senti que teria pena. Sim, digo-o como se o dissesse circumstanciadamente: teria pena. O patrão Vasques, o guarda-livros Moreira, o caixa Borges, os bons rapazes todos, o garoto alegre que leva as cartas ao correio, o moço de todos os fretes, o gato meigo - tudo isso se tornou parte da minha vida; não poderia deixar tudo isso sem chorar, sem comprehender que, por mau que me parecesse, era parte de mim que ficava com ellos todos, que o separar-me d'elles era uma metade e similhança da morte.

Aliás, se amanhã me apartasse de elles todos, e despisse este trajo da Rua dos Douradores, o que outra coisa me chegaria - porque a outra me haveria de chegar?, do que outro trajo me vestiria - porque de outro me haveria de vestir?

Todos temos o patrão Vasques, para uns visivel, para outros invisivel. Para mim chama-se realmente Vasques, e é um homem sadio, agradavel, de vez em quando brusco mas sem lado de dentro, interesseiro mas no fundo justo, com uma justiça que falta a muitos grandes genios e a muitas maravilhas humanas da civilização, direita e esquerda. Para outros será a vaidade, a ansia de maior riqueza, a gloria, a immortalidade... Prefiro o Vasques homem meu patrão, que é mais tratavel, nas horas difficeis, que todos os patrões abstractos do mundo.

Considerando que eu ganhava pouco, disse-me o outro dia um amigo, socio de uma firma que é prospera por negocios com todo o Estado: "você é explorado, Borges". Recordou-me isso de que o sou; mas como na vida temos todos que ser explorados, pergunto se valerá menos a pena ser explorado pelo Vasques das fazendas do que pela vaidade, pela gloria, pelo despeito, pela inveja ou pelo impossivel.

BIBLIOTECA NACIONAL

104

Ha os que Deus mesmo explora, e são prophetas e santos na vacuidade do mundo.

E recolho-me, como ao lar que os outros teem, á casa alheia, escriptorio amplo, da Rua dos Douradores. Achego-me á minha secretaria como a um baluarte contra a vida. Tenho ternura, ternura até ás lagrimas, pelos meus livros de outros em que escripturo, pelo tinteiro velho de que me sirvo, pelas costas dobradas do Sergio, que faz guias de remessa um pouco para além de mim. Tenho amor a isto, talvez porque não tenha mais nada que amar - ou talvez, tambem, porque nada valha o amor de uma alma, e, se temos por sentimento que o dar, tanto vale dal-o ao pequeno aspecto do meu tinteiro como á grande indifferença das estrellas.

FERNANDO PESSOA

BIBLIOTECA NACIONAL

Por entre a cascata, em intercalações de luz e sombra — ora, antes, luz e de mansinho desata-se ela — a cidade. Parece que não vem de sol nos seus cabelos e que é dos mesmos — de todos que a boa sorte alteia e suspende — mais do que physicamente, nos olhos por estarem altos.

Sinto, ao sentir-a, uma grande esperança; passo reconheço que a esperança é literária, mentira, puniciosa, esperança — está ligada em música pela mesma intenção melódica; está ligada na alma pela mesma memória de uma egual intenção. Não: se a amei mesmo doeu, como doeu o ódio, porque é ambos que tenho que esperar — a vaga falta vê a outra ausência. Ela está ainda, como tudo a dizer esperança, por isso nela, a ela, a Lenore, eu fui unidade: fui a dois homens que vibram em tons pelo passado, e a fusão de assumi incarnei a forma de entendimento a harmonia e antecipada retina neste momento.

Esperar? Que tenho eu que esperar? O dia está em pinceles nas pontas dos pés, e eu vi que ela tem decorrido e fui. A luz amarela-me nos olhos como uma bulbosa, pois o chão. De agora como uma ofuscação pra mim estamos, e uma saudade pois velha pois agora vai — mais velha em hora, mas

F. N. PESSOA
APARTADO 147
LISBOA

RUA DE S. JULIÃO, 52, 1.º
TELEPHONE: CENTRAL 879

Sempre, em dos repentes, pensei em escrever,
e vivi, como hoje em pouco vivo, a muito pouco
sobre a vida. Ela então não parecia para
mim, mas para a vida, para estar em [vida] sem
consciência, para a vida. Veio a mocidade e tudo
alegria; hoje vejo-o a ela, e tudo alegre, a fui
tudo. A crença fácil mas ~~commovedora~~.
Vejo como via, mas por fora do que via — me
vendo; e vi com isto a me obscurecer o sol e
o verde dos anos e ~~pleno~~ pleno, e a flores murcharem
antes de aparecer. Sinto, ainda em cima
de agora; hoje, a cada passo, como para mim
por mim, vejo estranhos hospedes a
peregrinos da minha presentação, forasteiros
de por vós — ouço, velhos de mim.

Já vi tudo, ainda o por nascer vi, nem o
por nunca verei. No meu sangue tem corre até —
menos do passado, futuros, e a angustia de ver
tenho por vós si mas é como mãe antiga para os.
ao longe

Sobrevivo, passando de dia, sem o
coloquio vário de cada instante, si me
pensar me ensina a alma — é vontade
intima de morrer, de acabar de ser mim
pois [illegible] da vida alma, [illegible] me pensa,

L. do D.

Os classificadores de coisas, que são aquelles homens de sciencia cuja sciencia é só classificar, ignoram, em geral, que o classificavel é infinito e portanto se não póde classificar. Mas o em que vae meu pasmo é que ignorem a existencia de classificaveis incognitos, coisas da alma e da consciencia que estão nos intersticios do conhecimento.

Talvez porque eu pense demais ou sonhe demais, o certo é que não distingo entre a realidade que existe e o sonho, que é a realidade que não ~~xxix~~ existe. E assim intercalo nas minhas meditações do céu eda terra coisas que não brilham de sol ou se pisam com pés - maravilhas fluidas da imaginação.

Douro-me de poentes suppostos, mas o ~~xx~~ supposto é vivo na supposição. Alegro-me de brisas imaginarias, mas o imaginario vive quando se imagina. Tenho alma por hypotheses varias, mas essas hypotheses teem alma propria, e me dão portanto a que teem.

Não ha problema senão o da realidade, e esse é insoluvel e vivo. Que sei eu da differença entre uma arvore e um sonho? Posso tocar na arvore; sei que tenho o sonho. Que é isto, na sua verdade?

Que é ~~xxxx~~ isto? Sou eu que, sòsinho no escriptorio deserto, posso viver imaginando sem desvantagem da intelligencia. Não soffro interrupção de pensar das carteiras abandonadas e da secção de remessas só com papel e cordeis em rolos. Estou, não no meu banco alto, mas recostado, por uma promoção por fazer, na cadeira da braços redondos do Moreira. Talvez seja a influencia do logar que me unge de distrahido. Os dias de grande calor fazem somno; durmo sem dormir por falta de energia. E por isso penso assim.

25/7/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

107

(storm)

Sobra silencio escuro lividamente. A ~~xnx~~ seu modo, perto, entre o errar raro ~~xnx~~ e ~~xarrxnxanx~~ rapido das carroças, um camion troveja - echo ridiculo, mechanico, do que vae real na distancia proxima dos céus.

De novo, sem aviso, espadana luz magnetica, pestanejando. Bate o coração um hausto breve. Quebra-se uma redoma no alto, em estilhaços grandes de cupula. Um lençol novo/duro de chuva aggride o som do chão.
má

(patrão Vasques) A sua cara livida está de um verde falso e desnorteado. Noto-o, entre o ar difficil do peito, com a fraternidade de saber que tambem estarei assim.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Considerar a nossa maior angustia como um incidente sem importancia, não só na ~~xx~~ vida do universo, mas na da nossa mesma alma, é o principio da sabedoria. Considerar isto em pleno meio d'essa angustia é a sabedoria inteira. No momento em que soffremos, parece que a dôr humana é infinita. Mas nem a dor humana é infinita, pois nada ha humano de infinito, nem a nossa dor vale mais que ser uma dor que nós temos.

Quantas vezes, sob o peso de um tedio que parece ser loucura, ou de uma angustia que parece passar além d'ella, paro, hesitante, antes que me revolte, hesito, parando, antes que me divinize. Dor de não saber o que é o mysterio do mundo, dor de nos não amarem, dor de serem injustos commosco, dor de pesar a vida sobre nós, suffocando e prendendo, dor de dentes, dor de sapatos ~~xxxxxxx~~ apertados - quem pode dizer qual é maior em si mesmo, quanto mais nos outros, ou na generalidade dos que existem?

Para alguns que me ~~xxxxxxxx~~ fallam e me ouvem, sou um insensivel. Sou, porém, mais sensivel - creio - que a vasta maioria dos homens. O que sou, comtudo, é um sensivel que se conhece, e que, portanto, conhece a sensibilidade.

Ah, não é verdade que a vida seja dolorosa, ou que seja dolorosa pensar na vida. O que é verdade é que a nossa dor só é seria e grave quando a fingimos tal. Se formos naturaes, ella passará assim como veio, esbater-se-ha assim como cresceu. Tudo é nada, e a nossa dor nelle.

Escrevo isto sob a oppressão de um tedio que parece não caber em mim, ou precisar de mais que da minha alma para ter onde estar; de uma oppressão de todos e de tudo que me estrangula e desvaira; de um sentimento physico da incomprehensão alheia que me ~~xxxxxx~~ perturba e esmaga. Mas ergo a cabeça para o céu azul alheio, exponho a face ao vento inconscientemente fresco, baixo as palpebras ~~xxxxxxxxxx~~ depois de ter visto, esqueço a face depois de ter sentido. Não fico melhor, mas fico differente. Ver-me liberta-me de mim. Quasi sorrio, não porque me comprehenda, mas porque, tendo-me tornado outro, me deixei de poder comprehender. No alto do céu, como ~~xx~~ um nada visivel, uma nuvem pequenissima é um esquecimento branco do universo inteiro.

5-4-1933.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Ha socegos do campo na cidade. Ha momentos, sobretudo nos meios-dias de estio, em que, nesta Lisboa luminosa, o campo, como um vento, nos invade. E aqui mesmo, na Rua dos Douradores, temos o bom somno.

Que bom à alma vêr calar, sob um sol alto quieto, estas carroças com palha, estes caixotes por fazer, estes transeuntes lentos, de aldeia transferida! Eu mesmo, olhando-os da janella do escriptorio, onde estou só, me transmuto: estou numa villa quieta da provincia, estagno numa ~~xxdaixa~~ aldeola incognita, ~~xaa~~ e porque me sinto outro sou feliz.

Bem sei: se ergo os olhos, está deante de mim a linha sordida da casaria, as janellas por lavar de todos os excriptorios da Baixa, as janellas sem sentido dos andares mais altos onde ainda se mora, e, ao alto, no angular das trapeiras, a roupa de sempre, ao sol entre vasos e plantas. Sei isto, mas é tam suave a luz que doura tudo isto, tam sem sentido o ar calmo que me involve, que não tenho razão sequer visual para abdicar da minha aldeia postiça, da minha villa de provincia onde o commerdo é um socego.

Bem sei, bem sei... Verdade seja que é a hora de almoço, ou de repouso, ou de intervallo. Tudo vae bem pela superficie da vida. Eu mesmo durmo, ainda que me debruce da varanda, como se fôsse a amurada de um barco sobre uma paisagem nova. Eu mesmo nem scismo, como se estivesse na provincia. E, subitamente, outra coisa me surge, me involve, me commanda: vejo, por traz do meio-dia da villa toda a vida em tudo da villa; vejo a grande felicidade estupida da vida domestica, a grande felicidade estupida da vida dos campos, a grande felicidade estupida do socego na sordidez. Vejo, porque vejo. Mas não vi e disperto. Olho em roda, sorrindo, e, antes de mais nada, saccudo dos cotovellos do fato, infelizmente escuro, todo o pó do apppio da varanda, que ninguem limpou, ingnorando que teria um dia, um momento que fôsse, que ser a amurada sem pó possivel de um barco singrando num ~~xxxxxxxxx~~ turismo infinito.

29/8/1933.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

110

Floresce alto na solidão nocturna um candieiro incognito por traz de uma janella. Tudo mais na cidade que vejo está escuro, salvo onde reflexos frouxos da luz das ruas sobe vagamente e faz um luar inverso, muito pallido. Na negrura da noite a propria casaria destaca pouco, entre si, as suas diversas cores, ou tons de cores: só differenças vagas, dir-se-hia abstractas, irregularisam o conjuncto atropellado.

Um fio invisivel me liga ao dono anonymo do candieiro. Não é a commum circumstancia de estarmos ambos accordados: não ha nisso uma reciprocidade possivel, pois, estando eu à janella no escuro, elle nunca poderia ver-me. É outra cousa, minha só, que se prende um pouco com a sensação de isolamento, que participa da noite e do silencio, que escolhe aquelle candieiro para ponto de appoio porque é o unico ponto de appoio que ha. Parece que é por elle estar acceso que a noite é tam escura. Parece que é por eu estar disperto, sonhando na treva, que elle está allumiando.

Tudo que existe existe talvez porque outra coisa existe. Nada é, tudo coexiste: talvez assim seja certo. Sinto que eu não existiria nesta hora - que não existiria, ao menos, do modo em que estou existindo, com esta consciencia presente de mim, que por ser consciencia e presente é neste momento inteiramente eu - se aquelle candieiro não estivesse accesso além, algures, pharol não indicando nada num falso privilegio de altura. Sinto isto porque não sinto nada. Penso isto porque isto é nada. Nada, nada, parte da noite e do silencio e do que com elles eu sou de nullo, de negativo, de intervallar, espaço entre mim e mim, esquecimento de qualquer deus...

8/9/1933.

L. do D.

Penso ás vezes, com um deleite triste, que se uma dia, numa futuro a que eu já não pertença, estas phrases, que escrevo, durarem com louvor, eu terei emfim a gente que sei "comprehenda", o meu, a familia verdadeira para nella nascer e ser amado. Então, longe de em nella ir nascer, eu terei já' morrido ha muito. Só terei comprehendido em effigie; quando a affiçaõ já' não cumprisse a quem morreu a desaffiçaõ que só teve, quando vivo.

Um dia talvez comprehendam que cumpri, como nenhum outro, o dever-acto de interprete de uma parte do ~~meu~~ seculo; e, quando o comprehendam, hão de escrever que na minha epocha fui incomprehendido, que infelizmente vivi entre desaffiçoes e fugi, e que é pena que tal me aconteceu. E o que escrever isto será na epocha em que o escrever, incomprehendedor, como os que me cercam. Do meu ataude d'aquelle tempo futuro. Porque os homens só aprendem para uso dos seus bisavós, que já' morreram. Pois aos mortos sabemos emsinar as verdades vossas de vivos.

—

Na tarde em que escrevo, o dia' de chuva jaz. Uma ~~cinta~~ alegria do ar é fresca de mais contra a pelle. O dia vae acalando/aos em angustia, nos em azul-pallido. Um azul sujo reflecte-se, mesmo, nas pedras dos muros. Dor vaga, mas é de bem-ser. Vontade não emfiada. Accende-se ~~a~~ te uma ou outra mentira.

ACÇÃO

ORGÃO DO "NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL" ...

Em cima da minha janella alta ha gente que vê acabarem o trabalho. O mundo que nasça ou morra, eu não conheço.

Eu aqui vejo bellos e meus ... que, com os olhos no ... entendem um pouco mais e bem mais do que.

Cabe bem, fim do dia certo, em que os que nascem e crescem se engrenam no trabalho do costume, e tem, na sua pequena dor, a felicidade da inconsciencia. Cabe bem, ainda se hoje que nasça, mudamente do tarde sinistra, lume em nova que entre no meu coração. Cabe bem, mesmo, uma infancia perdida feliz e aquela da tarde afflicta - bem, mesmo, tudo cabe a tem amplo e frio.

Cabe bem, longe bem mal
pequenina morrendo, tudo bem feito.

2-21

L. do D.

112

~~As cousas que nunca escreverei~~

As phrases que nunca escreverei, as paisagens que não poderei nunca descrever, com que clareza as dicto á minha inercia e as descrevo na minha meditação, quando, recostado, não pertenço, senão longinquamente, á vida. Talho phrases inteiras, perfeitas palavra a palavra, contexturas de dramas narram-se-me construidas no espirito, sinto o movimento metrico e verbal de grandes poemas em todas as palavras, e um grande enthusiasmo, como um escravo que não vejo, segue-me na penumbra. Mas se der um passo, da cadeira onde jazo estas sensações quasi cumpridas, para a mesa onde quereria escrevel-as, as palavras fogem, os dramas morrem, do nexo vital que unia o murmurio rhythmico não fica mais que uma saudade longinqua, um resto de sol sobre montes afastados, um vento que ergue as folhas ao pé do limiar deserto, um parentesco nunca revelado, a orgia de outros, a mulher que a nossa intuição diz que attentaria para nós, e nunca chega a existir.

Projectos, tenho-os tido todos. A Illiada que compuz teve uma logica de estructura, uma concatenação organica de episodios que Homero ~~[illegible]~~ não poderia conseguir. A perfeição estudada dos meus versos por completar em palavras deixa pobre a precisão de Virgilio e frouxa a força de Milton. As satiras allegoricas que fiz excederam todas as de Swift na precisão symbolica dos particulares exactamente ligados. ~~Quantos~~ Quantos Horacios fui!

E sempre que me levantei da cadeira onde, na verdade, estas coisas não foram absolutamente sonhadas, tive a dupla tragedia de as saber nullas e de saber que não foram todas sonho, que alguma cousa ficou d'ellas no limiar

Fui genio mais que em sonho [illegible]

BIBLIOTECA NACIONAL

As cousas mais simples, mais realmente simples, que nada pode tornar ~~complexas~~ semi-simples, ~~forma~~ torna-m'as complexas o eu vio-l-as. Das a alguns bons dias ~~a alguns~~, que vejo intimida-me. Secca-se-me a vez, como se houvesse ~~um~~ uma ambição extrema em ter essas palavras em vez alta. É uma espécie de pudor de existir — ~~[illegible]~~

A analyse ~~constante~~ temperamental das nossas sensações crea um acordo amor do sentir, que parece artificial e que analyse-se com a intelligencia, que não com a propria sensação.

Toda a vida foi futil metaphysicamente, ~~pesado~~ serio a hinchar. Nada fiz a serio, por mais que quizesse. Divertir-se com uma imagem um destino malim.

Ter emoções de chita, ou de seda, ou de brocado! Ter emoções descriptiveis ornas! Ter emoções descriptiveis!

Sob por mim na alma um arrependimento que é de Deus por tudo, uma paixão surda de lagrimas pela condemnação do sol ~~nos que~~ na carne dos que os sombreiam — E odeio sem odio todos os poetas que sucessam versos || todos os idealistas que pregam ver o seu ~~[illegible]~~ ideal todos os que consiguiam o que queriam ||

Vagueio indefinidamente nos meus sosegados, ando até cansar o corpo em accordo com a alma, dôo-me até aquelle extremo da dôr conhecido que tem um gozo em sentir-se, uma compaixão materna por si-mesma, assim que é ~~[illegible]~~ musicada e indefinivel.

Dormir! Adormecer! Sosegar! Ser uma consciencia abstracta de respirar sosegadamente, sem mundo, ~~sem alma~~, sem outros, sem alma — mas muito de emoção reflectida uma ausencia de estrellas!

Caminhavamos, juntos e separados, entre os desvios bruscos da floresta. Nossos passos, que era o alheio de nós, iam unidos, porque unisonos, ~~na~~ ~~ma~~ ~~ci~~ ~~da~~ ~~fo~~ ~~ha~~ ~~s,~~ ~~da~~ ~~ma~~ ~~ão~~ ~~qu~~ ~~ju~~ ~~ca~~ ~~va~~ ~~m,~~ ~~a~~ ~~ma~~ ~~ci~~ ~~as~~ ~~e~~ ~~ia~~ ~~ve~~ ~~rd~~ ~~es,~~ na macieza estallante das folhas, que juncavam, amarellas e meio-verdes, a irregularidade do chão. ~~Iam~~ ~~tam~~ Mas iam tambem disjunctos porque ~~eram dois pensamentos~~, ~~nem havia entre nós de commum senão que o que não eramos pisava unisono o mesmo solo ouvido.~~ eramos dois pensamentos, nem havia entre nós de commum senão que o que não eramos pisava unisono o mesmo solo ouvido.

Tinha entrado já o principio do outomno, e, além das folhas que pisavamos, ouviamos cahir continuamente, no acompanhamento brusco do vento, outras folhas, ou sons de folhas, por toda a parte onde iamos ou haviamos ido. Não havia mais paisagem senão a floresta que velava todas. Bastava, porém, como sitio e logar para os que, como nós, não tinhamos por vida senão o caminhar unisono e diverso sobre um solo mortiço. Era - creio - o fim de um dia, ou de qualquer dia, ou porventura de todos os dias, num outomno todos os outomnos, na floresta symbolica e verdadeira.

Que casas, que deveres, que amores haviamos largado - nós mesmos o não saberiamos dizer. Não eramos, nesse momento mais que caminhantes entre o que esqueceramos e o que não sabiamos, cavalleiros a pé do ideal abandonado. Mas nisso, como no som constante das folhas pisadas, e no som sempre brusco do vento incerto, estava a razão ~~da~~ de ser da nossa ida, ou da nossa vinda, pois, não sabendo o caminho ou porque o caminho, não sabiamos se partiamos, se chegavamos. E sempre, em torno nosso, sem logar sabido ou queda vista, o som das folhas que escombravam adormecia de tristeza a floresta.

Nenhum de nós queria saber do outro, porém nenhum de nós sem elle ~~não~~ prosseguiria. A companhia que nos faziamos era uma especie de somno que cada um de nós tinha. O som dos passos unisonos ajudava cada um a pensar sem o outro, e os proprios passos solitarios tel-o-hiam dispertado. A ~~fl~~floresta era toda de clareiras falsas, como se fosse falsa, ou estivesse acabando, mas nem acabava a falsidade, nem acabava a flor~~e~~esta. Nossos passos unisonos seguiam constantes, e em torno do que ouviamos das folhas pisadas ia um som vago de folhas cahindo, na floresta tornada tudo, na floresta egual ao universo.

Quem eramos? Seriamos dois ou duas fórmas de um? Não o sabiamos nem o perguntavamos. Um sol vago devia existir, pois na floresta não era noite. Um fim vago devia existir, pois caminhavamos. Um mundo qualquer devia existir, pois existia uma floresta. Nós, porém, eramos alheios ao que fosse

BIBLIOTECA NACIONAL

FERNANDO PESSOA

RUA DE S. JULIÃO, 52, 1.º
LISBOA

ou pudesse ser, caminheiros unisonos e interminaveis sobre folhas mortas, ouvidores anonymos e impossiveis de folhas cahindo. Nada mais. Um sussurro, ora brusco ora suave, do vento incognito, um murmurio, ora alto ora baixo, das folhas presas, um resquicio, uma duvida, um proposito que findara, uma illusão que nem fôra - a floresta, os dois caminheiros, e eu, eu, que não sei qual d'elles era, ou se era ou dois, ou nenhum, e assisti, sem ver o fim, à tragedia de não haver nunca mais do que o outomno e a floresta, e o vento sempre brusco e incerto, e as folhas sempre cahidas ou cahindo. E sempre, como se porcerto houvesse fóra um sol e um dia, via-se claramente, para fim nenhum, no silencio rumoroso da floresta.

28/11/1932.

L. do D.

114

Desde que, conforme posso, medito e observo, tenho reparado que em nada os homens ~~xxixãx dx xxxxxdx~~ sabem a verdade, ou estão de accordo, que seja realmente supremo na vida ou util ao vivel-a. A sciencia mais exacta é a mathematica, que vive na clausura das suas proprias regras e leis; serve, sim, de, por applicação, elucidar ~~xx~~ outras ~~xixx~~ sciencias, mas elucida o que estas descobrem, não as ajuda a descobrir. Nas outras sciencias naõ é certo e acceite senão o que nada pesa para os fins supremos da vida. A physica sabe bem qual é o coefficiente de dilatação do ferro; não sabe qual é a verdeira mechanica da constituição do mundo. E quanto mais subimos no que desejariamos saber, mais descemos no que sabemos. A metaphysica, que seria o guia supremo porque é ella e só ella que se dirige aos fins supremos da verdade e da vida - essa ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ nem é theoria scientifica, senão sòmente um monte de tijolos formando, nestas maõs ou naquellas, casas de nenhum feitio que nenhuma argamassa liga.

Reparo, tambem, que entre a vida dos homens e a dos animaes não ha outra differença que não a da maneira como se enganam ou a ignoram. Não sabem os animaes o que fazem: nascem, crèscem, vivem, morrem sem pensamento, reflexo ou verdadeiramente futuro. Quantos homens, porém, vivem de modo differente do dos animaes? Dormimos todos, e a differença está só nos sonhos, e no grau e qualidade de sonhar. Talvez a morte nos disperte, mas a isso tambem não ha resposta senão a da fé, ~~xxx~~ para quem crer é ter, a da esperança, para quem desejar é possuir, a da caridade, para quem dar é receber.

Chove, nesta tarde fria de inverno triste, como se houvesse chovido, assim monotonamente, desde ~~x xxxxxxx x~~ a primeira pagina do (de) mundo. Chove, e meus sentimentos, como se a chuva os vergasse, dobram seu olhar bruto para a terra da cidade, onde corre uma agua que nada alimenta, que nada lava, que nada alegra. Chove, e eu sinto subitamente a oppressão immensa de ser um animal que não sabe o que é, sonhando o pensamento e a emoção, encolhido, como num tugurio, numa região espacial do ser, contente de um pequeno calor como de uma verdade eterna.

13/12/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Tudo quanto de desagradavel nos succede na vida — fujamos depressa pra longe, mas pela tangente, largando-a pra sempre a fugir dos pontos de que deve ser considerada como nossos accidentes externos, inquietantes para alterar a outra e eterna, a propria alma. Tantamo-lo como dos e centro da roda, a calha, da vida, coisa que nos em nada concerne ou só externamente nos affecta, e applique a nossa central organica a fugir sempre e o mais depressa que se possa.

Quando alguem nos offende, ou é, ao centro mundo, a nós mesmos, ataca-nos ou só do mundo mas a nós mesmos, fere-nos ou é o que em nós é externo, é ataca-o ou o centro e fere a nossa vida mesma.

Foi Horacio, foi Catullo ou Virgilio que disse que fraude augusto o amigo que fere só ella pensa o mundo. A amigo é absurdo, justo o seu attrito. Ainda que em torno de nós pra o pé fujamos pelas ruas, pelas escadarias, sempre fiquemos impunidos — só pegue depressa pra longe pensa nós, e ouvimos só é nada te que vem com esse nós atacou pelas ruas, ainda que nada ou o pé para elles ruas.

BIBLIOTECA NACIONAL

A ida deve ser, pois as ~~notícias~~ mercadorias vão para os recursos e consumidores.

L. e D. Mss miscellanea.

116

Em meia folha os officios ao
Ministro da Inspecção
Geral aos Correios, e
a Caldas. Sempre me chamei,
fui ao Arsenal, e Praça mas
nenhum o fiz.

BIBLIOTECA NACIONAL

2-26

117

1/2 pagina

Cheguei àquelle ponto em que o tedio é uma pessoa, a fração incarnada do meu coração comingo.

BIBLIOTECA NACIONAL

Remainder any time,

Thus: Agents 500.00
300.00
650.00
1450.00

Capt. 500.00
250.00
250.00
1000.00

Transitions:
650.
700.

Cancel?

G+C 500.00
M. 1000.00

or G+C 400.
M. 500.
F@(capt) 500.
+ G+C 100
1500

G+C – 500.
M – 500.

1000.00

L. do D. 118

Depois que as ultimas chuvas deixaram o céu e ficaram na terra - céu limpo, terra humida e espelhenta - a clareza maior da vida que com o azul voltou ao alto, e na frescura de ter havido agua se alegrou em baixo, deixou um céu proprio nas almas, uma frescura sua nos corações.

Somos, por pouco que o queiramos, servos da hora e das suas cores e fórmas, subditos do céu e da terra. Aquelle de nós que mais se embrenhe em si mesmo, desprezando o que o cerca, esse mesmo se não embrenha pelos mesmos caminhos quando chove do que quando o céu está bom. Obscuras transmutações, sentidas talvez só no intimo dos sentimentos abstractos, se operam porque chove ou deixou de chover, se sentem sem que se sintam porque sem sentir o tempo se sentiu.

Cada um de nós é varios, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos. Porisso aquelle que despreza o ambiente não é o mesmo que d'elle se alegra ou padece. Na vasta colonia do nosso ser ha gente de muitas especies, pensando e sentindo differentemente. Neste mesmo momento, em que escrevo, num intervallo legitimo do trabalho hoje escasso, estas poucas palavras de impressão, sou o que as escreve attentamente, sou o que está contente de não ter nesta hora de trabalhar, sou o que está vendo o céu lá fóra, invisivel de aqui, sou o que está pensando isto tudo, sou o que sente o corpo contente e as mãos ainda vagamente frias. E todo este mundo meu de gente entre si alheia projecta, como uma multidão diversa mas compacta, uma sombra unica - este corpo quieto e escrevente com que reclino, de pé, contra a xxxxxxxxx secretária alta do Borges onde vim buscar o meu mata-borrão, que lhe emprestára.

30/12/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

ANUNCIOS

Tabela de Preços

Capa:

4.ª pagina	.....	150$00
3.ª »	.....	130$00
	1/2 pag.	70$00
2.ª »	1/2 pag.	80$00

Paginas interiores:

1 pagina	.....	100$00
1/2 »	... .	60$00
1/4 «	.....	35$0$

Desconto:

Por 3 publicações	10 %
» 5 »	20 %

1/4 de pagina

1/2 pagina

L. do D.

Trez dias seguidos de calor sem calma, tempestade latente no mal-estar da quietude de tudo, vieram trazer, porque a tempestade se escoasse para outro ponto, um leve fresco morno e grato à superficie lucida das coisas. Assim as vezes, neste decurso da vida, a alma, que soffreu porque a vida lhe pesou, sente subitamente um allivio, sem que se désse nella o que o explicasse.

Concebo que sejamos climas, sobre que pairam ameaças de tormenta, noutro ponto realisadas

A immensidade vazia das coisas, o grande esquecimento que ha no céu e na terra...

BIBLIOTECA NACIONAL

Passei entre elles extrangeiro porém nenhum viu que eu o era. Vivi entre elles espião ~~sem dono~~, e ninguem, nem eu, suspeitou que eu o fosse. Todos me tinham por parente: nenhum sabia que me haviam trocado à nascença. Assim fui egual aos outros sem similhança, irmão de todos sem ser da familia.

Vinha de prodigiosas terras, de paisagens melhores que a vida, mas das terras nunca fallei, senão commigo, e das paisagens, vistas se sonhava, nunca lhes dei noticia. Meus passos eram como os d'elles nos soalhos e nas lages, mas o meu coração estava longe, ainda que batesse perto, senhor falso de um corpo desterrado e extranho.

Ninguem me conheceu sob a mascara da egualha, nem soube nunca que era mascara, porque ninguem sabia que neste mundo ha mascarados. Ninguem suppoz que ao pé de mim estivesse sempre outro, que afinal era eu. Julgaram-me sempre identico a mim.

Abrigaram-me as suas casas, as suas mãos apertaram a minha, viram-me passar na rua como se eu lá estivesse; mas quem sou não esteve nunca naquellas salas, quem vivo não tem mãos que outros apertem, quem me conheço não tem ruas por onde passe, a não ser que sejam todas as ruas, nem que nellas o veja, a não ser que elle mesmo seja todos os outros.

Vivemos todos longinquos e anonymos; disfarçados, soffremos desconhecidos. A uns, porém, esta distancia entre um ser e elle mesmo nunca se revela; para outros é de vez em quando illuminada, numa grande luz de horror ou de magua, por um relampago sem limites; mas para outros ainda é essa a constancia e a quotidianidade da vida.

Saber bem que quem somos não é commosco, que o que pensamos ou sentimos é sempre uma traducção, que o que queremos o não quizemos, nem porventura alguem o quiz - saber tudo isto a cada minuto, sentir tudo isto em cada sentimento, não será isto ser extrangeiro na propria alma, exilado nas proprias sensações?

Mas a mascara, que estive fitando inerte, que fallava à esquina com um homem sem mascara nesta noite de fim de Carnaval, por fim extendeu a mão e se despediu rindo. O homem natural seguiu à esquerda, pela travessa cuja esquina estava. A mascara - dominó sem graça - caminhou em frente, afastando-se entre sombras e acasos de luzes,

BIBLIOTECA NACIONAL

numa despedida definitiva e alheia ao que eu estava pensando. Só então reparei que havia mais na rua que os candieiros accesos, e, a turvar onde elles não estavam, um luar vago, occulto, mudo, cheio de nada como a vida...

7/4/1933.

L. do D.

121

Não sei porquê - noto-o subitamente - estou sòsinho no escriptorio. Já, indefinidamente, o presentira. Havia em qualquer aspecto da minha consciencia de mim uma ~~xxxxxxxxx~~ amplitude de allivio, um respirar mais fundo de pulmoẽs diversos. (differentes).

É esta uma das mais curiosas sensações que nos póde ser dada pelo ~~x~~ acaso dos encontros e das faltas: a de estarmos só numa casa ordinariamente cheia, ruidosa ou alheia. de outrem Temos, de repente, uma sensação de posse absoluta, de dominio facil e largo, de amplitude - como disse - de allivio e socego.

Que bom estar só largamente! Poder ~~xxxxxxxxxx~~ fallar alto comnosco, passear sem estorvo de vistas, repousar para traz num devaneio sem chamamento! Toda casa se torna um campo, toda sala tem a extensão de uma quinta.

Os ruidos são todos alheios, como se pertencessem a um universo proximo mas independente. Somos, finalmente, reis. A isso todos aspiramos, enfim, e os mais plebeus de nós - quem sabe - com maior vigor que os de mais ouro falso. Por um momento somos pensionistas do universo, e vivemos, regulares do soldo dado, sem necessidades nem preoccupaçõess.

Ah, mas reconheço, naquelle passo na escada, subindo até mim não sei quem, o alguem que vae interromper a minha solidão espairecida. Vae ser invadido pelos barbaros o meu imperio implicito. Não é que o passo me diga quem é que vem, ~~xxxxxxx~~ nem que me lembre o passo d'este ou d'aquelle que eu conheça. Ha um mais surdo instincto na alma que me faz saber que é para aqui que vem o que sobe, por emquanto só passos, na escada que subitamente vejo, porque penso nelle que a sobe. Sim, é um dos empregados. E diz-me, ao entrar: "Sòsinho, sr. Soares?" E eu respondo: "Sim, já ha tempo..." E elle então diz, descascando-se do casaco com o olhar no outro, o velho, no cabide: "Grande maçada a gente estar aqui só, sr. Soares, e de mais a mais ..." "Grande maçada, não ha duvida", respondo eu. "Até dá vontade de dormir", diz elle, já de casaco roto, e encaminhando-se para a secretaria. "E dá", confirmo, sorridente. Depois, extendendo a mão para a caneta esquecida, reentro, graphico, na saude da vida normal.

29/3/1933.

Para a pasta ... ento. Veja-o tudo.

Arrigo

Em baixo, afastando-se do alto onde estão os ~~desmoralamentos~~ desmoralamentos de sombra, dormem ao fundo, ~~ego~~ algida, a cidade interna.

[Um desespero de morrer, uma angustia de existir pesa a mim estravasa-se por mim tudo sem me exceder, confunde-me o dia em temura, ainda, dois a desolação.]

Uma tão inexplicável excesso de magia absurda, uma dois tão desolada, tão ~~of~~ alpha, tão metaphysicamente ~~[illegible]~~ minha,

TEIXEIRA DE PASCOAES,
ME DE BALSEMÃO;

nto da sua inteira e perfeita
edição é superiormente valori-
raphico do AUTHOR, que, de
nto notavel de educação es-

enta uma contribuição valiosa
tual que é a necessidade mais

eve ser lido, e os seus ensina-
ações que despontam para o
rte.

22.

"OLISIPO"

L. N. D.

123

Como disgosto a Alexandre, só fui a vê-lo um ou dois dias. Tive sorte, mas fi-me zangar a razão e tal-os. O que achei, era valera tê-lo muito achado. O Carlos

—

Tenho continuado a escrever pouco, e por isso não tenho muito em coisa. Uma poesia impossível é uma pessoa — só se deixa de ser pessoa, e passa a ser uma que apenas vive (e sempre).

Hesito em tudo, muitas vezes em absolutos. Além de vezes tenho, como toda a gente, é preciso, concordo-a muitas vezes a toda a gente disse, a distinção mesmo muito entre duas palavras. Nunca tive a arte de estar vivo activamente. Estive sempre em função de uma vida vivida; e por isso muitas vezes fugi, fugi-me sempre para me poder a fuga. Depois sempre compreendi a fuga e até compreendi quase o Deus. Então eu e a vida houve sempre uma fricção: eu sobre saída d'ela pela vista, ou pelo tacto; ou a vida em mim ou em seu plano, fui o devaneio de um Deus qualquer, e uma saída começou em mim vantagem, o meu propósito foi dupla a primeira ficção de um mundo fui.

Nunca soube se era de mim a minha sensibilidade que a vida estragou, ou a vida estragou para a minha sensibilidade. Fui Tardei vagar, eu vi e pude, tudo a custo, ou nada à vida, fui uma tristeza que tarda.

BIBLIOTECA NACIONAL

Dos sacerdotes de milhões-mil,
a [illegible], humanitários de todo especi-
tudo a [illegible] physica, do estomago.
São os idealistas sem ~~[illegible]~~ ideal.
São os pensadores sem pensamento.
Quem a superfície de vida por uma
fatalidade de lixo, por boca ao tempo
da agonia, e se julga bello, porque os
cuidados dispensados boca ao tempo da agonia
tarde.

Os [illegible] dos que não foi amados
ou perdidos, vem [illegible], e tem
da vida uma noção de nausea, um
mal-estar das sensações constantes,
um [illegible] da respiração.

8/4/1931.

124

L. do D;

Todo o dia, em toda a sua desolação de nuvens leves e mornas, foi occupado pelas informações de que havia revolução. Estas noticias, falsas ou certas, enchem-me sempre de um descomforto especial, mixto de desdem e de nausea physica. Doe-me na intelligencia que alguem julgue que altera alguma coisa agitando-se. A violencia, seja qual fôr, foi sempre para mim uma fórma esbugalhada da estupidez humana. Depois, todos os revolucionarios são estupidos, como, em menor grau, o são todos os reformadores.

Revolucionario ou reformador - o erro é o mesmo. Importante para dominar e reformar a sua propria attitude para com a vida, que é tudo, ou o seu proprio ser, que é quasi tudo, o homem foge para querer modificar os outros e o mundo externo. Todo o revolucionario, todo o reformador, é um evadido. Combater é não ser capaz de combater-se. Reformar é não ter emenda possivel.

O homem de sensibilidade justa e recta razão, se se acha preoccupado com o mal e a injustiça do mundo, busca naturalmente emendal-a, primeiro, naquillo em que ella mais perto se manifesta; e encontrará isso em seu proprio ser. Levar-lhe-ha toda a vida.

Tudo para nós, está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois elle nunca será, para nós, senão o que é para nós. Aquella justiça intima pela qual escrevemos uma pagina fluente e bella, aquella reformação verdadeira, pela qual tornamos viva a nossa sensibilidade morta - essas coisas são a verdade, a nossa verdade, a unica verdade. O mais que ha no mundo é paisagem, molduras que enquadram sensações nossas, encadernações do que pensamos. E é-o quer seja a paisagem colorida das coisas e dos seres - os campos, as casas, os cartazes e os -, quer seja a paisagem incolor das almas monotonas, subindo um momento à superficie em palavras velhas e gestos gastos, descendo outra vez ao fundo na estupidez fundamental da expressão humana.

Revolução? Mudança? O que eu quero deveras, com toda a intimidade da minha alma, é que cessem as nuvens atonas que ensaboam cinzentamente o ceu; o que eu quero é ver o azul começar a surgir de entre ellas, verdade certa e clara porque nada é nem quere.

Fragoso

BIBLIOTECA NACIONAL

2·34

L. do D.

125

Tudo se me tornou in-
supportavel, excepto a
vida. ~~Arte~~ O escriptorio, a
casa, as ruas — o contrario
até, se o tivera — me sobre-
bastam e opprimem; só o con-
juncto me allivia. Sim,
qualquer coisa de tudo isto
é bastante para me
consolar. Um raio de sol
entrando interminavelmente no
escriptorio morto; um pregão
atirado pela ~~outra~~ rua acima até
á janella do meu quarto, a
existencia de gente, o haver
clima e mudanças de tempo,
a objectividade tremenda do
mundo —

BIBLIOTECA NACIONAL

— O' mio ^ pel entier de respecter
pour moi, je le respect : ni-
les, pour moi, une vérité éle long -
temps ajourné, pour mon cœur a
contre - façon une obéi
negre - inaccessible, à moi,
d'avoir de cide pleurer, à pre-
pr rebus, à ses dieux gentes
tolerer, negres pauvres et mes-
heureux -

~~Soleil~~ pleurés regrets regrets
effroi risible de pureté
Dieu me emporter pour
Emporter à coucher. Ri
quelconque vers moi à soi
heure - ce, avec pour elle pleurer
pour -

Tenho somno, muito somno, todo o somno!

L. do D.

126

Deppis de uma noite mal dormida, toda a gente não gosta de nós. O somno ido levou comsigo qualquer coisa que nos tornava humanos. Ha uma irritação latente commosco, parece, no mesmo ar inorganico que nos cerca. Somos nós, afinal, que nos desapoiamos, e é entre nós e nós que se fere a diplomacia da batalha surda.

Tenho hoje arrastado pela rua os pés e o grande cansaço. Tenho a alma reduzida a uma meada atada, e o que sou e fui, que sou eu, esqueceu-se de seu nome. Se tenho amanhã, não sei senão que não dormi, e a confusão de varios intervallos põe grandes silencios na minha falla interna.

Ah, grandes parques dos outros, jardins usuaes para tantos, maravilhosas aleas dos que nunca me conhecerão! Estagno entre vigilias, como quem nunca ousou ser superfluo, e o que medito estremeunha-se com um sonho ao fim.

Sou uma casa viuva, claustral de si mesma, sombrada de espectros timidos e furtivos. Estou sempre no querto ao lado, ou estão elles, e ha grandes ruidos de arvores em meu torno. Divago e encontro; encontro porque divago. Meus dias de creança vestidos vós mesmos de bibe!

E, em meio de tudo isto, vou pela rua fóra, dorminhoco da minha vagabundagem folha. Qualquer vento lento me varreu do solo, e erro, como um fim de crepusculo, entre os acontecimentos da paisagem. Pesam-me as palpebras nos pés arrastados. Quizera dormir porque ando. Tenho a bocca fechada como se fosse para os beiços se pegarem. Naufrago o meu deambular.

Sim, não dormi, mas estou mais certo assim, quando nunca dormi nem durmo. Sou eu verdadeiramente nesta eternidade casual e symbolica do estado de meia-alma em que me illudo. Uma ou outra pessoa olha-me como se me conhecesse e me extranhasse. Sinto que os ólhos tambem com orbitas sentidas sob palpebras que as roçam, e não quero saber de haver mundo.

6/7/1931.

Antes que o estio cesse e chegue o outomno, no cálido intervallo em que o ar pesa e as cores abrandam, as tardes costumam usar um traje sensivel de ~~saudade~~ gloria falsa. São comparaveis aquelles artificios de imaginação em que as saudades são de nada, e se prolongam indefinidas como restos de navios formando a mesma cobra successiva.

Nessas tardes enche-me, como um mar em maré, um sentimento peor que o tedio mas a que não compete outro nome senão tedio - um sentimento de desolação ~~infinita~~, de naufragio de toda a alma. Sinto que perdi um Deus verdadeiro, que a Substancia de tudo morreu. E o universo sensivel é para mim um cadaver que amei ~~x~~ quando era vida; tudo tornado nada na luz ainda quente das ultimas nuvens coloridas.

O meu tedio assume aspectos de horror; o meu aborrecimento é um medo. O meu suor não é frio, mas é fria a minha consciencia do meu suor. Não ha mal estar physico, salvo que o mal estar da alma é tam grande que passa pelos poros do corpo e o innunda a elle tambem.

Tam magno tedio, tam soberano horror de estar vivo que não concebo que coisa haja que pudesse servir de lenitivo, de antidoto, de ~~xxxix~~ balsamo ou esquecimento para elle. Dormir horroriza-me como tudo. Morrer horroriza-me como tudo. Ir e parar são a mesma coisa impossivel. Esperar e descrer equivalem-se em frio e cinza. Fico fraco de não ter alma.

Comtudo que saudade do futuro, se deixo os olhos vulgares receber a saudação morta do dia illuminado que finda! Que grande enterro da esperança vae pela calada doirada ainda dos céus inertes, que cortejo de vacuos e nadas se ~~xão~~ espalha a azul rubro que vae ser pallído pelas vastas planicies do espaço ~~à~~lvar!

Não sei o que quero ou ou que não quero. Deixei de saber querer, de saber como se quere, de saber as emoções ou os pensamentos com que ordinariamente se conhece que estamos querendo, ou querendo querer. Não sei quem sou ou o que sou. Como alguem soterrado sob um muro que se desmoronasse, jazo sob a vacuidade tombada do universo inteiro. E assim vou, na esteira de mim mesmo, até que a noite entre e um pouco do afago de ser differente ondule, como uma brisa, pela começo da minha ~~consciencia~~ de mim.

22/8/1931.

L. do D.

I-5

Nas vagas sombras de luz por findar antes que a tarde seja noite cedo, goso de errar sem pensar entre o que a cidade se torna, e ando como se nada tivesse remedio. Agrada-me, mais a imaginação que aos sentidos, a tristeza dispersa que está commigo. ~~Xxxxxx~~ Vago, e folheio em mim, sem o ler, um livro de texto intersperso de imagens rapidas, de que vou formando indolentemente uma idéa que nunca se completa.

Ha quem leia com a rapidez dom que olha, e conclua sem ter visto tudo. Assim tiro do livro que se me folheia na alma uma historia vaga ~~xxxxx~~ por contar, memorias de um outro vagabundo, bocados de descripções de crepusculos ou luares, com aleas de parques no meio, e figuras de seda varias, a passar, a passar.

Indiscrimino a tedio e outro. Sigo, simultaneamente, pela rua, pela tarde e pela leitura sonhada, e os caminhos são verdadeiramente percorridos. Emigro e repouso, como se estivesse a bordo com o navio já no mar alto.

Subitos, os candieiros/coincidem luz/pelos prolongamentos duplos da rua longa e curva. Como um baque a minha tristeza augmenta. É que o livro acabou. Ha só, na viscosidade aerea da rua abstracta, um fio externo de sentimento, como a baba do Destino idiota, a pingar-me sobre a consciencia da alma.

Outra vida, a da cidade que anoitece. Outra alma a de quem olha a noite. Sigo incerto e ~~xxxxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxx~~, allegorico, irrealmente sentiente. Sou como uma historia que alguem houvesse contado, e, de tam bem contada, andasse carnal mas não muito neste mundo romance, no principio, de um capitulo: "A essa hora um homem podia ser visto seguir lentamente pela rua de..."

Que tenho eu com a vida?...

13/7/1931.

BIBLIOTECA NACIONAL

L N D.

129

A experiencia directa é o unico fogo
ão o escondejo d'aquelles pre-
ss despenseiros de emoções.
Lendo os roteiros pre correm o caçador
de typos tendo pouco ou nós
valem a pena ler, pouco ou
nem isso, pre tanto não valem
a pena ler, pre fazem
o homem, d'antes pobre e a-
nemico mistificado do homem
de entendimento. As cousas não
valem senão as interpretações
d'ellas, bem, pois, ensinam cousas
novas pre o antes, transtorna-
dam-o em significados
a tornam ricos. Nascer é
crer, pois mor é apenas
ler mais.

BIBLIOTECA NACIONAL

2.39

Lucas recomendou, com
insistência que se visse alma re-
pente em sonho, o fria-me
me mesma a si- mesta Rem
os Domadores, mat respeta
mita abominação. S'Nta
Jesus. Tar foi o que me só fram
Lima. Ela, a mil bitte, -
pensa depois lisa em Cop
pra sinha, sreen - Dand -
pe mal pensa em pedir ms
Jesus da Mesa N Destin.

Bem se pra la illes ao Dad, e
pensa pranot comunpeté, e

A se bitte o amend se mil, bitte-
o, Nta Cad, pra me bitte pra Rem
e Domadores.

Toda pessoa antiga é outra
attitude — nos todos temos
leve o mesmo de facto ao ~~costume~~, porque somos tem
todos [illegible]: o que nos differença
é ~~a arte de~~ a forma de
consciencia com o destino da
consciencia commum.

Eu sinto-me egual aos ~~costumes~~
mesmo dos factos e á costumeira.
Sei que me distingue d'elles o saber
[illegible]: é um acto, uma
[illegible] porque me differença
[illegible] na idea que me egualo
a elles.

132

Talvez o meu destino seja alcançar
uma grande vitória, e em
passar a atravessar uma borboleta
fá, passará na sua cabeça, e sua
forma fará com pé d'alma
grande mais fará - sua pupa
bela.

Tenho saudades do Moreira, mas
o que é saudade perante
a grande Ausência?

Sei bem que é dia, e que
se grande-lhe a casa e que
sem uma dor grande de dia
sei-o. Sei-o com uma antecipação
longa e maior, uma

BIBLIOTECA NACIONAL

133

L. do D.

Tenho assistido, incognito, ao desfallecimento gradual da minha vida, ao sossobro lento de tudo quanto quiz ser. Posso dizer, com aquella verdade que não precisa de flores para se saber que está morta, que não ha coisa que eu tenha querido, ou em que tenha posto, um momento que fôsse, o sonho só d'esse momento, que se me não tenha desfeito deante das janellas como pó parecendo pedra cahindo de um vaso de andar alto. Parece, até, que o Destino tem sempre procurado, primeiro, fazer-me amar ou querer aquillo que elle mesmo tinha disposto para que no dia seguinte eu visse que eu não tinha ou teria.

Espectador ironico de mim mesmo, nunca, porém, desanimei de assistir á vida. E, desde que sei, hoje, por anticipação de cada vaga esperança que ella ha de ser desilludida, soffro o goso especial de gosar já a desillusão com a esperança, como um amargo com doce que torna o doce doce contra o amargo. Sou um estrategico sombrio, que, tendo perdido todas as batalhas, traça já, no papel dos seus planos, gosando-lhe o schema, os pormenores da sua retirada fatal, na vespera da cada sua nova batalha.

Tem-me perseguido, como um ente maligno, o destino de não poder desejar sem saber que terei que não ter. Se um momento vejo na rua um vulto nubil de rapariga, e, indifferentemente que seja, tenho um momento de suppor que seria se elle fôsse meu, é sempre certo que, a dez passos do meu sonho, aquella rapariga encontra o homem que vejo que é o marido ou o amante. Um romantico faria d'isto uma tragedia; um extranho sentiria isto como uma comedia: eu, porém, mixtura as duas coisas, pois ou romantico em mim e extranho a mim, e viro a pagina para outra ironia.

Uns dizem que sem esperança a vida é impossivel, outros que com esperança é vazia. Para mim, que hoje não espero nem desespero, ella é um simples quadro externo, que me inclue a mim, e a que assisto como um espectaculo sem enredo, feito só para divertir os olhos - bailado sem nexo, mexer de folhas ao vento, nuvens em que a luz do sol muda de cores, arruamentos antigos, ao acaso, em pontos desconformes da cidade.

Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo. Desenrolo-me em periodos e paragraphos, faço-me pontuações, e, na distribuição desencadeada das imagens, visto-me, como as creanças, de rei com papel de jornal, ou, no modo como faço rhythmo de uma série de palavras, me touco, como os loucos, de flores seccas que continuam vivas nos seus sonhos. E, acima de tudo, estou tranquillo, como um boneco de serradura que, tomando consciencia de si mesmo, abanasse de vez em quando a cabeça, para que o guiso no alto do bonet em bico (parte integrante da mesma cabeça)

BIBLIOTECA NACIONAL

fizesse soar qualquer coisa, ~~xxxxx xxxxx~~ vida tinida do morto, aviso minimo ao Destino.

2/9/1931.

Quantas vezes, comtudo, em pleno meio d'esta insatisfacção contente, me não sobe pouco a pouco à emoção consciente o sentimento do vacuo e do tedio de pensar assim! Quantas vezes não sinto, como quem ouve fallar atravez de sons que cessam e recomeçam, a amargura essencial d'esta vida extranha à vida humana - vida em que nada se passa salvo na consciencia d'ella! Quantas vezes, dispertando de mim, não entrevejo, do exilio que sou, quanto fôra melhor ser o ninguem de todos, o feliz que tem ao menos a amargura real, o ~~xxxxxxx~~ contente que tem cansaço em vez de tedio, que soffre em vez de suppor que soffre, que se mata, sim, em vez de se morrer!

Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. O que sinto é (sem que eu queira) sentido para se escrever que se sentiu. O que penso está logo em palavras, mixturado com imagens que o desfazem, aberto em rhythmos que são outra cousa qualquer. De tanto recompor-me, destrui-me. De tanto pensar-me, sou já meus pensamentos mas não eu. Sondei-me e deixei cahir a sonda; vivo a pensar se sou fundo ou não, sem outra sonda agora senão o olhar que me mostra, claro a negro no espelho do poço alto, meu proprio rosto que me contempla ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ a contemplal-o.

Sou uma especie de carta de jogar, de naipe antigo e incognito, restando unica do baralho perdido. Não tenho sentido, não sei do meu valor, não tenho a que me compare para que me encontre, não tenho a que sirva para que me conheça. E assim, em imagens successivas em que me descrevo - não sem verdade, mas com mentiras - vou ficando mais nas imagens do que em mim, dizendo-me até não ser, escrevendo com a alma como tinta, util para mais nada do que para se escrever com ella. Mas cessa a reacção, e de novo me resigno. Volto em mim ao que sou, ainda que seja nada. ~~Exxx~~ alguma coisa de lagrimas sem choro arde nos meus olhos hirtos, alguma coisa de angustia que não houve me empóla asperamente a garganta secca. Mas, ai, nem sei o que chorara, se houvesse chorado, nem porque foi que o não chorei. A ficção acompanha-me, como a minha sombra. O que quero é dormir.

L; do D.

Os sentimentos que mais doem, as emoções que mais pungem, são os que ~~xxxxxxxxxx~~ são ~~x~~ absurdos - a ansia de coisas impossiveis, precisamente porque são impossiveis, a saudade do que nunca houve, o desejo do que poderia ter sido, a magua de não ser outro, a insatisfacção da existencia do mundo. Todos estes meios tons da consciencia da alma criam em nós uma paisagem dolorida, um eterno sol-pôr do que somos. O sentirmo-nos é então um campo deserto a escurecer, ~~t~~triste de juncos ao pé de um rio sem barcos, negrejando claramente entre margens afastadas.

Não sei se estes sentimentos são uma loucura lenta do desconsolo, se são reminiscencias de qualquer outro mundo em que houvessemos estado - reminiscencias cruzadas e misturadas, como coisas vistas em sonhos, absurdas na figura mas não na origem/ Não sei se houve outros seres que fomos, cuja maior completidão sentimos hoje, na sombra que d'elles somos, de uma maneira incompleta - perdida a solidez e nós figurando-nol-a mal nas/duas dimensões da sombra que vivemos.

/se a soubessemos. / queremos

Sei que estes pensamentos da emoção doem com raiva na alma. A impossibilidade de nos figurar uma coisa a que correspondam, a impossibilidade de encontrar qualquer coisa que substitua aquella a que se abraçam em visão - tudo isto pesa como uma condemnação dada não/sabe onde, ou por quem, ou porquê. / se

Mas o que fica de sentir tudo isto é com certeza um desgosto da vida e de todos os seus gestos, um cansaço anticipado dos desejos e de todos os seus modos, um desgosto ~~iriti~~ anonymo de todos os sentimentos. Nestas horas de magua subtil, torna-se-nos impossivel, até em sonho, ser amante, ser heroe, ser feliz. Tudo isso está vazio, até na idéa de que é. ~~xxxxxxxxxxx~~ Tudo isso está dito em outra linguagem, para nós incomprehensivel, meros sons de syllabas sem fórma no entendimento. A vida éôca, a alma é ôca, o mundo é ôco. Todos os deuses morrem de uma morte ~~xxxxxxx~~ maior que a morte. Tudo está mais vazio que o vacuo. / É um chaos de coisas nenhumas. / É tudo

Se penso isto e ólho, para ver se a realidade me mata a sêde, vejo casas inexpressivas, caras inexpressivas, gestos inexpressivos. Pedras, corpos, idéas - está tudo morto. Todos os movimentos são paragens, a mesma paragem todos elles. Nada me diz nada. Nada me é conhecido, não porque o extranhe mas porque não sei o que é. Perdeu-se o mundo. E no fundo da minha alma - como única realidade d'este momento - ha uma magua intensa e invisivel, / como o som de quem chora num quarto escuro. / uma tristeza

3/9/1931.

BIBLIOTECA NACIONAL

135

125

L. do D.

O poente está espalhado pelas nuvens soltas que o céu todo tem. Reflexos de todas as côres, reflexos brandos, enchem as diversidades do ar alto, boiam ausentes nas grandes maguas da altura. Pelos cimos dos telhados erguidos, meio-cor, meio-sombras, os ultimos raios lentos do sol indo-se tomam fórmas de cor que nem são suas nem das coisas em que pousam. Ha um grande socego acima do nivel ruidoso da cidade que vae tambem socegando. Tudo respira para além da cor e do som, num hausto fundo e mudo.

Nas casas coloridas que o sol não vê, as cores começam a ter tons de cinzento d'ellas. Ha frio nas diversidades d'essas cores. Dorme uma pequena inquietação nos valles falsos das ruas. Pouco a pouco, nas mais baixas das nuvens altas, começam os reflexos a ser de sombra; só naquella pequena nuvem, que paira aguia branca acima de tudo, o sol conserva, de longe, o seu ouro rindo.

Tudo quanto tenho buscado na vida, eu mesmo o deixei por buscar. Sou como alguem que procure distrahidamente o que, no sonho entre a busca, esqueceu já o que era. Torna-se mais real que a cousa buscada ausente o gesto real das mãos visiveis que buscam, revolvendo, deslocando, existindo brancas e longas, com cinco dedos cada uma, exactamente.

Tudo quanto tenho tido é como este ceu alto e diversamente o mesmo, farrapos de nada tocados de uma luz distante, fragmentos de falsa vida que a morte doura de longe, com seu sorriso triste de verdade inteira. Tudo quanto tenho tido, sim, tem sido o não ter sabido buscar, senhor feudal de pantanos à tarde, principe deserto de uma cidade de tumulos vazios.

Tudo quanto sou, ou quanto fui, ou quanto penso do que sou ou fui, - tudo isso perde de repente - nestes meus pensamentos e na perda subita de luz da nuvem alta - o segredo, a verdade, a ventura, talvez, que houvesse em não sei quê que tem por baixo a vida. Tudo isso, como um sol que falta, é que me resta, e sobre os telhados altos, diversamente, a luz deixa escorregar as suas mãos de queda, e sahe á vista / a sombra intima de tudo. ,na unidade dos telhados, branqueja

Vago pingo tremulo, vlareia pequena ao longe a primeira estrella.

7/10/1931.

brancazul
branco escuro

Espaçado, um vagalume vae succedendo(-se) a si-mesmo. (Espaçado, o pestanejar azul branco de um vagalume vae succedendo-se a si mesmo.) Em torno, obscuro, o campo é uma grande falta de ruido que cheira quasi bem. A paz de tudo doe e pesa. Um tedio informe afoga-me.

Poucas vezes vou ao campo, quasi nenhumas alli passo um dia, ou de um dia para outro. Mas hoje, que este amigo, em cuja casa estou, me não deixou não acceitar o seu convite, vim para aqui cheio de constrangimento - como um timido para uma festa grande -, cheguei aqui com alegria, gostei do ar e da paisagem ampla, almocei e jantei bem, e agora, noite funda, no meu quarto, o logar vago ancia-me a angustia.

sem luz

A janella do quarto onde dormirei deita para o campo aberto, para um vasto campo indefinido, que é todos os campos, para a grande noite vagamente constallada onde uma aragem que se não ouve se sente. Sentado á janella, contemplo com os sentidos todos esta coisa nenhuma da vida universal que está lá fóra. Tudo se harmoniza numa sensação inquieta, desde a invisibilidade visivel de tudo até á madeira vagamente rugosa de ter estalado a tinta velha do parapeito onde está estendidamente apoiada de lado a minha mão esquerda.

branquejante

Quantas vezes, contudo, não anceio visualmente por esta paz de onde quasi fugiria agora, se fôsse facil ou decente! Quantas vezes julgo crer - la em baixo, entre as ruas estreitas de casas altas - que a paz, a prosa, o definitivo estariam antes aqui, entre as coisas naturaes, que alli onde o panno de mesa da civilização faz esquecer o pinho pintado em que assenta! E, agora, aqui, sentindo-me saudavel, cansado a bem, estou intranquillo, estou preso, estou saudoso.

Não sei se é a mim que acontece, se a todos os que a civilização fez nascer segunda vez. Mas parece-me que para mim, ou para os que sentem como eu, o artificial passou a ser o natural, e é o natural que é extranho. Não digo bem: o artificial não passou a ser o natural; o natural passou a ser differente. Dispenso e detesto vahiculos, dispenso e detesto os productos da sciencia - telephones, telegraphos - que tornam a vida facil, ou os sub-productos da fantasia - gramophones, phonographos, receptores hertzianos - que, aos a quem divertem, a tornam divertida.

BIBLIOTECA NACIONAL

Nada d'isso me interessa, nada d'isso desejo. Mas amo o Tejo porque ha uma cidade grande á beira d'elle. Goso o ceu porque o vejo de um quarto andar de rua da Baixa. Nada o campo ou a natureza me pode dar que valha a majestade irregular da cidade tranquilla, sob o luar, vista da Graça ou de S. Pedro de Alcantara. Não ha para mim flores como, sob o sol, o colorido variadissimo de Lisboa.

Ah, ter um corpo nu, pôr a bandeira
As raças vistas. O punho rubro
para a humanidade como o dos trabalhadores para a energia

A artificialidade é a maneira de provar a naturalidade. O fim prova os meios. Não sei se o propósito é uma virtude. Não sente a tolerância para uma maneira viciosa contrária.

A arte é uma alusão da natureza.
A arte é o caminho fim —
O artificial é o natural.
operação

O fim prova, prova é fim meio.
Os fins justificam os meios fim natural.

E no humorismo entre o natural — o
artificial — a consciência — fim natural da
— A alma humana suspensão.

L. do D.

Nada me pesa tanto no desgosto como as palavras sociaes de moral. Já a palavra "dever" é para mim desagradavel como um intruso. Mas os termos "dever civico", "solidariedade", "humanitarismo", e outros da mesma estirpe, repugnam-me como porcarias que despejassem sobre mim de jabellas. Sinto-me offendido com a supposição, que alguem porventura faça, de que essas expressões teem que ver commigo, de que lhes encontro, não só uma valia, mas sequer um sentido.

Vi ha pouco, em uma montra de loja de brinquedos, umas coisas que exactamente me lembraram o que essas expressões são. Vi, em pratos fingidos, manjares fingidos para mesas de bonecas. Ao homem que existe, sensual, egoista, vaidoso, amigo dos outros porque tem o dom da falla, inimigo dos outros porque tem o dom da vida, a esse homem que ha que offerecer com que brinque ás bonecas com palavras vazias de som e tom?

O governo assenta em duas coisas: refrear e enganar. O mal d'esses termos lantejoulados é que nem refreiam nem enganam. Embebedam, quando muito, e isso é outra cousa.

Se alguma coisa odeio, é um reformador. Um reformador é um homem que vê os males superficiaes do mundo e se propõe cural-os aggravando os fundamentaes. O medico tenta adaptar o corpo doente ao corpo são; mas nós não sabemos o que é são ou doente na vida social.

Não posso considerar a humanidade senão como uma das ultimas escolas na pintura decorativa da Natureza. Não distingo, fundamentalmente, um homem de uma arvore; e, por certo, prefiro o que mais decore, o que mais interésse os meus olhos pensantes. Se a arvore me interessa mais, pesa-me mais que cortem a arvore do que o homem morra. Ha idas de poente que me doem mais que mortes de creanças. Em tudo sou o que não sente, para que sinta.

Quasi me culpo de estar escrevendo estas meias reflexões nesta hora em que dos confins da tarde sobe, colorindo-se, uma brisa ligeira. Colorindo-se não, que não é ella que se colora, mas o ar em que boia incerta; mas, como me parece que é ella mesma que se colora, é isso que digo, pois hei porforça de dizer o que me parece, visto que sou eu.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

138

Quanto mais alta a sensibilidade, e mais subtil a capacidade de sentir, tanto mais absurdamente vibra e extremece com as pequenas cousas. É precisa uma prodigiosa intelligencia para ter angustia ante um dia escuro. A humanidade, que é pouco sensivel, não se angustía com o tempo, porque faz sempre tempo; não sente a chuva senão quando lhe cahe em cima.

O dia baço e molle escalda humidamente. Sòsinho no escriptorio, passo em revista a minha vida, e o que vejo nella é como o dia que me opprime e me afflige. Vejo-me creança contente de nada, adolescente aspirando a tudo, viril sem alegria nem aspiração. E tudo isto se passou na molleza e no embaciado, como o dia que m'o faz ver ou lembrar.

Qual de nós póde, voltando-se no caminho onde naõ ha regresso, dizer que o seguiu como o devia ter seguido?

BIBLIOTECA NACIONAL

(escripto intervallarmente, e muito
para emendar)

139

L. do D.

Depois que o fim dos astros esbranqueceu para nada no céu matutino, e a brisa se tornou menos fria no amarello mal alaranjado da luz sobre as poucas nuvens baixas, pude enfim, eu que não durmira, erguer lentamente o corpo exhausto de nada da cama de onde pensara o universo.

Cheguei á janella com os olhos quentes de não estarem fechados. Por sobre os telhados densos a luz fazia differenças de amarello pallido. Fiquei a contemplar tudo com a grande estupidez da falta de somno. Nos vultos erguidos das casas altas o amarello era aereo e nullo. Ao fundo do occidente, para onde eu estava virado o horizonte era já de um branco verde.

Sei que o dia vae ser para mim pesado como não perceber nada. Sei que tudo quanto hoje fizer vae participar, não do cansaço do somno que não tive, mas da insomnia que tive. Sei que vou viver um somnambulismo mais accentuado, mais epidermico, não só porque não dormi, mas porque não pude dormir.

Ha dias que são philosophias, que nos insinuam interpretações da vida, que são notas marginaes, cheias de grande ~~xixxti~~ critica, no livro do nosso destino universal. Este dia é um dos que sinto taes. Parece-me, absurdamente, que é com meus olhos pesados e meu cerebro nullo que, lapis absurdo, se vão traçando as lettras do commentario inutil e profundo.

~~Além dos xtias xinuteis, xha~~

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

140

Tive sempre uma repugnancia quasi physica pelas coisas secretas - intrigas, diplomacia, sociedades secretas, occultismo. Sobretudo me incommodaram sempre estas duas ultimas coisas -, a pretenção, que teem certos homens, de que, por entendimentos com Deuses ou Mestres ou Demiurgos, sabem - lá entre elles, exclusos todos nós outros - os grandes segredos que são os cabouços do mundo.

Não posso crer que issoseja assim. Posso crer que alguem o julgue assim. Porque não estará essa gente toda doida, ou illudida? Por serem varios? Mas ha allucinações collectivas.

O que sobretudo me impressiona, nesses mestres e sabedores do invisivel, é que, quando escrevem para nos contar ou suggerir os seus mysterios, escrevem todos mal. Offende-me o entendimento que um homem seja capaz de dominar o Diabo e não seja capaz de dominar a lingua portugueza. Porque ha o commercio com os demonios de ser mais facil que o commercio com a grammatica? Quem, atravez de longos exercicios de attenção e de vontade, consegue, conforme diz, ter visões astraes, porque não póde, com menor dispendio de uma coisa e de outra, ter a visão da syntaxe? Que ha no dogma e ritual da Alta Magia que impida alguem de escrever - já não digo com clareza, pois pode ser que a obscuridade seja da lei occulta, mas ao menos com elegancia e fluidez, pois no proprio obstruso as pode haver. Porque ha de gastar-se toda a energia da alma no estudo da linguagem dos Deuses, e não ha de sobrar um reles bocado, com que se estude a côr e o rhythmo da linguagem dos homens?

Desconfio dos mestres que o não podem ser primarios. São para mim como aquelles poetas estranhos que são incapazes de escrever como os outros. Acceito que sejam estranhos; gostára, porém, que me provassem que o são por superioridade ~~exnãexperxinpotencia~~ ao normal e não por impotencia d'elle.

Dizem que ha grandes mathematicos que erram additções simples; mas aqui a comparação não é com errar, mas com desconhecer. Acceito que um grande mathematico

BIBLIOTECA NACIONAL

somme dois e dois para dar cinco: é um acto de distracção, e a todos nós póde succeder. O que não acceito é que não saiba o que é sommar ou como se somma. E é este o caso dos mestres do occulto, na sua formidavel maioria.

- ~~Eu~~ A idéa de viajar nauseia-me.

Já vi tudo que ~~ainda~~ ~~não~~ tinha visto
Já vi tudo que ainda não vi.

O tedio do ~~constantemente~~ novo, o tedio
~~transitorio~~
de descobrir, ~~é~~ a falsa diferença das coisas e
a ~~identidade~~ absoluta entre a ~~mesquita~~,
o templo e a egreja, a ~~egualdade~~ ~~vida~~ estructura e ~~ao~~ ~~vão~~ ~~vida~~
cabana e o castello, ~~da~~ eterna contradicção
~~da~~ vida ~~em~~ ~~geral~~, ~~a~~ ~~transitoriedade~~ de tudo
paisagens ~~são~~ ~~repetidas~~. ~~O~~ comboio ~~distrae~~ ~~me~~ ~~muito~~
~~a~~ ~~attenção~~ ~~á~~ ~~paisagem~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~attenção~~ ao livro que
~~me~~ entretem. ~~Já~~ ~~não~~ ~~ha~~ ~~tedio~~ ~~nas~~ ~~paisagens~~ ~~que~~ ~~nunca~~ ~~vi~~.

A contemplação ~~para~~ ~~mim~~, é uma ~~occupação~~ ~~para~~ ~~mim~~.
~~Chega~~ ao ~~centro~~ ~~do~~ ~~mundo~~. Sou ~~contente~~ ~~em~~ ~~casa~~
~~para~~ ~~mim~~ ~~em~~ ~~toda~~ ~~a~~ ~~parte~~. ~~Para~~ ~~mim~~ ~~não~~ ~~ha~~ ~~viagens~~ ~~que~~ ~~não~~ ~~existem~~.
~~Ah~~, ~~quem~~ ~~não~~ é rude, como um rio, o correr deve
ser vida. ~~Não~~ ~~ha~~ ~~dias~~ ~~que~~ ~~pesam~~ ~~a~~ ~~sentir~~ ~~a~~ ~~vida~~ ~~inteira~~ ~~do~~
~~dos~~ ~~outros~~, ~~dos~~ ~~actos~~, ~~dos~~ ~~casos~~ ~~dos~~ ~~outros~~.

a [illegible] nem ~~[illegible]~~ acordo:

~~Viagem Para viagem [illegible]~~

~~[illegible]~~

De qualquer viagem, ainda que pequena, regresso como de um somno cheio de sonhos — uma confusão torpida, com as sensações colladas umas ás outras, bebado do que vi.

Para o repouso falta-me a saude da alma. Para o movimento falta-me qualquer cousa que ha entre a alma e o corpo; negam-se-me, não os movimentos, mas o desejo de os ter.

Muita vez me tem succedido querer ~~[illegible]~~ rio, estes dez minutos do T.º do Paço a Cacilhas. E quasi sempre tive como que a timidez de tanta gente, de mim mesmo e do meu proposito. Uma ou outra vez tenho ido, sempre opprimido, sempre pondo sómente o pé em terra de quando estou de volta.

Quando se sente de mais, o Tejo é Atlantico sem numero, e Cacilhas outro continente, ou até outro universo.

L. do D.

Viajar?

Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre eguaes e sempre differentes, como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se ~~xxxxx~~ tenha que deslocar para sentir.

"Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo". Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consummou, dando-lhe a volta, é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu. Na realidade, o fim do mundo, como o principio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens teem paisagem. Porisso, se as imagino, as crio; se as crio, são; se são, vejo-as como ás outras. Para que viajar? Em Madrid, em Berlim, na Persia, na China, nos Polos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no typo e genero das minhas sensações?

A vida é o que fazemos d'ella. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

O unico viajante com verdadeira alma que conheci era um garoto de escriptorio que havia numa outra casa, onde em tempos fui empregado. Este rapzito collecccionava folhetos de propaganda de cidades, paizes e companhias de transportes; tinha mappas - uns arrancados de periodicos, outros que pedia aqui e alli -; tinha, recortadas de jornaes e revistas, illustrações de paisagens, gravuras de costumes exoticos, retratos de barcos e navios. Ia ás agencias de turismo, em nome de um escriptorio hypothetico, ou talvez em nome de qualquer escriptorio existente, possivelmente o proprio onde estava, e pedia folhetos sobre viagens para a Italia, folhetos de viagens para a India, folhetos dando as ligações entre Portugal e a Australia.

Não só era o maior viajante, porque o mais verdadeiro, que tenho conhecido: era tambem uma das pessoas mais felizes que me tem sido dado encontrar. Tenho pena de não saber o que é feito d'elle, ou, na verdade, supponho somente que deveria ter pena; na realidade não a tenho, pois hoje, que passaram dez annos, ou mais, sobre o breve tempo em que o conheci, deve ser homem, estupido, cumpridor dos seus deveres, casado talvez, sustentáculo social de qualquer - morto, emfim, em sua mesma vida. É até capaz de ter viajado com o corpo, elle que tão bem viajava com a alma.

Recordo-me de repente: elle sabia exactamente por que vias ferreas se ia de Paris a Bucarest, por que vias ferreas se percorria a Inglaterra, e, atravez das pronuncias erradas dos nomes extranhos, havia a certeza aureolada da sua grandeza de alma. Hoje, sim, deve ter existido para morto, mas talvez em dia, em velho, se lembre, como é naõ só melhor, senão mais verdadeiro, o sonhar com Bordeus ao que desembarcar em Bordeus.

E, de ahi, talvez isto tudo tivesse outra explicação qualquer, e elle estivesse sòmente imitando alguem. Ou... Julgo às vezes, considerando a differença hedionda entre a intelligencia das creanças e a estupidez dos adultos, que somos acompanhados na infancia por um espirito da guarda, que nos empresta a propria intelligencia astral, e que depois, talvez com pena, mas por uma lei alta, nos abandona, como as mães animaes ás crias crescidas, ao cevado que é o nosso destino.

BIBLIOTECA NACIONAL

SAFU. Mai 1921.

L. do. D.

Devaneio entre Cascaes e Lisboa. Fui pagar a Cascaes uma contribuição do patrão Vasques, de uma casa que tem no Estoril. Gosei anticipadamente o prazer de ir, uma hora para lá, uma hora para cá, vendo os aspectos sempre varios do grande rio e da sua foz atlantica. Na verdade, ao ir, perdi-me em meditações abstractas, vendo sem ver as paisagens aquaticas que me alegrava ir ver, e ao voltar perdi-me na fixação d'estas sensações. Não seria capaz de descrever o mais pequeno pormenor da viagem, o mais pequeno trecho de visivel. Lucrei estas paginas, por olvido e contradicção. Não sei se isso é melhor ou peor do que o contrario, que tambem não sei o que é.

O comboio abranda, é o Caes do Sodré. Cheguei a Lisboa, mas não a uma conclusão.

BIBLIOTECA NACIONAL

2-54

18/6/1931.

145

L. do D.

Se considero com attenção a vida que os homens vivem, nada encontro nella que a differença da vida que vivem os animaes. Uns e outros são lançados inconscientemente atravez das cousas e do mundo; uns e outros se entreteem com intervallos; uns e outros percorrem diariamente o mesmo percurso organico; uns e outros não pensam para além do que pensam, nem vivem para além do que vivem. O gato espoja-se ao sol e dorme alli. O homem espoja-se á vida, com todas as suas complexidades, e dorme alli. Nem um nem outro se liberta da lei fatal de ser como é. Nenhum tenta levantar o peso de ser. Os maiores dos homens amam a gloria, mas amam-a, não como a uma immortalidade propria, senão como a uma immortalidade abstracta, de que porventura não participem.

Estas considerações, que em mim são frequentes, levam-me a uma admiração subita por aquella especie de individuos que instinctivamente repugno. Refiro-me aos mysticos e aos ascetas - aos remotos de Tibet, aos Simões Stylitas de todas as columnas. Estes, ainda que no absurdo, tentam, de facto, libertar-se da lei animal. Estes, ainda que na loucura, tentam, de facto, negar a lei da vida, o espojar-se ao sol e o aguardar da morte sem pensar nella. Buscam, ainda que parados no alto de uma columna; anseiam, ainda que numa cella sem luz; querem o que não conhecem, ainda que no martyrio dado e na magua imposta.

Nós outros todos, que vivemos animaes com mais ou menos complexidade, atravessamos o palco como figurantes que não fallam, contentes da solemnidade vaidosa do trajecto. Cães e homens, gatos e heroes, pulgas e genios, brincamos a existir, sem pensar nisso (que os melhores pensam só em pensar) sob o grande socego das estrellas. Os outros - os mysticos da má hora e do sacrificio - sentem ao menos, com o corpo e o quotidiano, a presença magica do mysterio. São libertos, porque negam o sol visivel; são plenos, porque se esvaziaram do vacuo do mundo.

Estou quasi mystico, com elles, ao fallar d'elles, mas seria incapaz de ser mais que estas palavras escriptas ao sabor da minha inclinação occasional. Serei sempre da Rua dos Douradores, como a humanidade inteira. Serei sempre, em verso ou prosa, empregado de carteira. Serei sempre, no mystico ou no não-mystico, local e submisso, servo das minhas sensações e da hora em que as ter. Serei sempre, sob o grande pallio azul do céu mudo, pagem num rito incomprehendido, vestido de vida para cumpril-o, e executando, sem saber porquê, gestos e passos, posições e maneiras, até que a festa acabe, ou o meu papel nella, e eu possa ir comer coisas de gala nas grandes barracas que estão ~~lá ao fim~~ no fim, lá em baixo no fundo do jardim.

4/6/1931.

146

L. do D.

Depois que as ultimas chuvas passaram e desmontaram para o sul, e só ficou o vento que as varreu, regressou aos montões da cidade a alegria do sol incerto e appareceu muita roupa branca pendurada a saltar nas cordas esticadas por paus medios nas janellas altas dos predios de todas as côres.

Tambem fiquei contente, porque existo. Sahi de casa para um gran de fim, que era, afinal, chegar a horas ao escriptorio. Mas, neste dia, a propria compulsão da vida participava daquella outra compulsão que faz o sol vir nas horas do almanak, conforme a latitude e a longitude dos logares da terra. Senti-me feliz por não poder sentir-me infeliz. Desci a rua descansadamente, cheio de certeza, porque, emfim, o escriptorio conhecido, a gente conhecida nelle, eram certezas. Não admira que me sentisse livre, sem saber de quê. Nos cestos poisados à beira dos passeios da Rua da Prata as bananas de vender, sob o sol, eram de um amarello grande.

Contento-me, afinal, com muito pouco: ter cessado a chuva, o haver um sol bom neste Sul feliz, bananas más amarellas por terem nodoas negras, a gente que as vende porque falla, os passeios da Rua da Prata, o Tejo ao fundo, azul esverdadeado a ouro, e todo este recanto domestico do systema do Universo.

Virá o dia em que não veja isto mais, em que me sobreviverão as bananas da orla do passeio, e as vozes das vendedeiras solertes, e os jornaes do dia que o pequeno estendeu lado a lado na esquina do outro lado da rua. Bem sei que as bananas serão outras, e que as vendedeiras serão outras, e que os jornaes terão, a quem se curvar para vel-os, uma data que não é a de hoje. Mas elles, porque não vivem, duram ainda que outros; eu, porque vivo, passo ainda que o mesmo.

Esta hora, poderia eu bem solemnizal-a comprando bananas, pois me parece que nestas se projectou todo o sol do dia como um holophote sem machina. Mas tenho vergonha dos rituaes, dos symbolos, de comprar coisas na rua. Podiam não me embrulhar bem as bananas, não m'as vender como devem ser vendidas por eu não as saber comprar como devem ser compradas. Podiam estranhar a minha voz ao perguntar o preço. Mais vale escrever do que ousar viver, ainda que viver não seja mais que comprar bananas ao sol, emquanto o sol dura e ha bananas que vender.

Mais tarde, talvez... Um outro, talvez... Não sei...

Sim, mais tarde...

BIBLIOTECA NACIONAL

2.56

2/6/1931.

I. 17

L. do D.

Estou num dia em que me pesa, como uma ~~condemnação~~ entrada no carcere, a monotonia de tudo. A monotonia de tudo não é, porém, senão a monotonia de mim. Cada ~~vida~~ volta, ainda que seja o de quem vimos hontem, é outro hoje, pois que hoje não é hontem. Cada dia é o dia que é, e nunca houve outro egual no mundo. Só ~~na~~ em nossa alma está a identidade - a identidade sentida, embora falsa, comsigo mesma - pela qual tudo se ~~identifica~~ aprende e de ~~dos~~ simplifica-se ~~colore~~ ~~xxxxxxxxxxxxxxx~~ O mundo é coisas destacadas e ~~comua~~ avulsas differentes; mas, se somos myopes, é uma nevoa ~~continua e in-~~ ~~color.~~ ~~(incoherente)~~ insufficiente e continua.

O meu desejo é fugir. Fugir ao que conheço, fugir ao que é meu, fugir ao que amo. Desejo partir - não para as Indias impossiveis, ou para as grandes ilhas ao Sul de tudo, mas para o logar qualquer - aldeia ou ermo - que tenha em si o não ser este logar. Quero não ver mais estas ~~caras~~ ruas, estes habitos e estes dias. Quero repousar, alheio, do meu fingimento ~~xxx~~ organico. Quero sentir o somno chegar como vida, e não como repouso. Uma cabana à beira mar, uma caverna, até, no socalco rugoso de uma serra, me pode dar isto. Infelizmente, só a minha vontade m'o não pode dar.

A escravatura idão é a lei da vida, e não ha outra lei, porque esta tem que cumprir-se, sem revolta possivel nem refugio que achar. Uns nascem escravos, outros tornam-se escravos, e a outros a escravatura idão é dada. O amor que todos temos à liberdade - que, se a tivessemos, extranhariamos, repudiando-a - é o verdadeiro signal do peso da nossa escravidão. Eu mesmo, que acabo de dizer que desejaria a ~~xxxxx~~ cabana ou caverna onde estivesse livre da monotonia de tudo, que é a de mim, ousaria eu partir para essa cabana ou caverna, sabendo, por entendimento conhecimento, que, ~~xxx~~ poisque a monotnia é de mim, a haveria sempre de ter commigo? Eu mesmo, que suffoco onde estou e porque estou, onde respiraria melhor, se a doença é dos meus ~~xxxxxxx~~ pulmões e não das coisas que me cercam? Eu mesmo, que anceio alto pelo sol puro e os campos livres, pelo mar visivel e o horizonte inteiro, quem me diz que não extranharia a cama, ou a comida, ou ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ não ter que descer os oito lances de escada até á rua, ou não ~~passar pela~~ entrar na tabacaria da esquina, ou não trocar os bons dias com o ~~xxxxxxx~~ barbeiro ocioso?

Tudo que nos cerca se torna parte de nós, se nos infiltra na sensação da carne e da vida, ~~xx~~ e, baba da grande Aranha, nos liga subtilmente ao que está perto, emleando-nos num leito de morte lenta, onde baloiçamos ao vento. Tudo é nós, e nós somos tudo; mas de que serve isto, se tudo é nada? Um raio de sol, uma nuvem que a sombra subita diz que passa, uma brisa que se ergue, o silencio que se segue quando ella cessa, um rosto ou outro, algumas vezes, o riso casual entre ellas que fallam, e depois a noite onde emergem sem sentido os ~~braços~~ meus braços apaixonados às estrellas.

BIBLIOTECA NACIONAL

148

L. do D.

Na grande claridade do dia o socego dos sons é de ouro tambem. Ha suavidade no que aconteee. Se me dissessem que havia guerra, eudiria que não havia guerra. Num dia assim nada pode haver que pese sobre não haver senão suavidade.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.
---

o mundo, monturo de forças instinctivas, que em todo o caso (todavia) brilha ao sol com tons palhetados de ouro claro e escuro.

Para mim, se considero, pestes, tormentas, guerras, são productos da mesma força cega, operando uma vez atravez de microbios inconscientes, outra vez atravez de raios e aguas inconscientes, outra vez atravez de homens inconscientes. Um terramoto e um massacre não teem para mim differença senão a que ha entre assassinar com uma faca e assassinar com um punhal. O monstro immanente nas cousas tanto se serve - para o seu bem ou o seu mal, que, ao que parece, lhe são indifferentes - da deslocação de um pedregulho na altura ou da deslocação do ciume ou da cubiça num coração. O pedregulho cahe, e mata um homem; a cubiça ou o ciume armam um braço, e o braço mata um homem. Assim é o mundo, monturo de forças instinctivas, que todavia brilha ao sol com tons palhetados de ouro claro e escuro.

Para fazer face à brutalidade de indifferença, que constitue o fundo visivel das coisas, descobriram os mysticos que o melhor era repudiar. Negar o mundo, virar-se d'elle como de um pantano a cuja beira nos encontrassemos. Negar como o Buddha, negando-lhe a realidade absoluta; negar como o Christo, negando-lhe a realidade relativa; negar

senão
Nao pedi à vida mais do que ella me não fadisse exigisse nada.
~~Nada mais pedi à vida do que ella me não exigir nada.~~
A'parte o calume por não ter parte - ou o de
[illegible] nunca [illegible]. - [illegible]
[illegible] mais realidade causada - (como o prazer de
não ter ainda) não ter morrido ainda bastante
para os pobres da vida, e ter ainda - apenas,
para

contente com o sonho só quando não estou sonhando, contente com o mundo só quando sonho longe d'elle. Pendulo oscillando, sempre movendo-se para não chegar, indo só para voltar, preso eternamente á dupla fatalidade de um centro e de um movimento.

GRAHAMS BOND
REGISTERED

BIBLIOTECA NACIONAL

BEGINNING
GROWING BOND

L. do D.

(nota)

A organização do livro deve basear-se numa escolha, rigida quanto possivel, dos trechos variadamente existentes, adaptando, porém, os mais antigos, que falhem à psychologia de B.S., tal como agora surge, a essa vera psychologia. Àparte isso, ha que fazer uma revisão geral do proprio estylo, sem que elle perca, na expressão intima, o devaneio e o desconnexo logico que o characterizam.

Ha que estudar o caso de se se devem inserir trechos grandes, classificaveis sob titulos grandiosos, como a Marcha Funebre do Rei Luiz Segundo da Baviera, ou a Symphonia de uma Noite Inquieta. ~~Oxmaisxpxxxavexixxéxxxxixar~~ Ha a hypothese de deixar como está p trecho da Marcha Funebre, e ha a hypothese de a transferir para outro livro, em que ficassem os Grandes Trechos juntos.

Somos morte. Isto, que consideramos vida, é o somno da vida real, a morte do que verdadeiramente somos. Os mortos nascem, não morrem. Estão trocados, para nós, os mundos. Quando julgamos que vivemos, estamos mortos; vamos viver quando estamos moribundos.

Aquella relação que ha entre o somno e a vida é a mesma que ha entre o que chamamos vida e o que chamamos morte. Estamos dormindo, e esta vida é um sonho, não num sentido metaphorico ou poetico, mas ~~xaxsuaxabxxxxta~~ num sentido ~~de absoluta~~ verdadeiro.

/para fixar a morte,

Tudo aquillo que em nossas actividades consideramos superior, tudo isso participa da morte, tudo isso é morte. Que é o ideal senão a confissão de que a vida não serve? Que é a arte senão a negação da vida? Uma estatua é um corpo morto, talhado/em materia de incorrupção. O mesmo prazer, que tanto parece uma immersão na vida, é antes uma immersão em nós mesmos, uma destruição das relações entre nós e a vida, uma sombra agitada da morte.

O proprio viver é morrer, porque não temos uma dia a mais na nossa ~~xxxxvida~~ que não ~~tenhãx~~ tenhamos, nisso, um dia a menos nella.

Povoamos sonhos, somos sombras errando atravez de florestas impossiveis, em que as arvores são casas, costumes, idéas, ideaes e philosophias.

BIBLIOTECA NACIONAL

2-61

152

Não arrevisto na pergunta.
Não o digo pergunta
crecia mas "a pergunta
é um estado do alma
de Amil, um dos
bons momentos verbais
e mais insuportable
interiorice. Digo-o
pergunta crecia.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

153

Descobri que penso sempre, e attendo sempre, a duas coisas no mesmo tempo. Todos, supponho, serão um pouco assim. ~~Mas~~, ~~xxxix~~ ~~xxxx~~ certas impresões ~~xãx~~ tam vagas que só depois, porque nos lembramos d'ellas, sabemos que as tivemos; ~~xxxixxxxxxxx~~ d'essas impressões, creio, se formará uma parte - a parte interna, talvez - da dupla attenção de todos os homens. Succede commigo que teem egual relevo as duas realidades a que attendo. Nisto consiste a minha originalidade. Nisto, talvez, consiste a minha tragedia, e a comedia d'ella.

Escrevo attentamente, curvado sobre o livro em que faço a lançamentos a historia inutil de uma firma obscura; e ao mesmo tempo o meu pensamento segue, com egual attenção, a rota de ~~xx~~ um navio por paisagens orientaes. As duas coisas estão egualmente nitidas, egualmente visiveis perante mim: a folha onde escrevo com cuidado, nas linhas pautadas, os versos da epopeia commercial de Vasques & Ca., e o convez onde vejo com cuidado, um pouco ao lado da pauta alcatroada dos intersticios das taboas, as cadeiras longas alinhadas, e as pernas ~~altas~~ dos que socegam na ~~ida~~.

Tudo é real. Algures, ainda que seja em mim, esse navio é esse navio e viaja. Aqui

Avanço a pensar para o texto que da
parte ~~de cima da folha~~ [illegible] — copia mais ao pé
de modo [illegible] outro que esta — sobre o 1
volta a desenhá-la. Vou [illegible]
certo, ainda por ~~isto~~ [illegible] O
[illegible] modo de andar e lento. [illegible]
não digo muito. Só é assim. ~~[illegible]~~
[illegible] ~~[illegible]~~ [illegible] Tanto [illegible]
[illegible] ~~[illegible]~~
[illegible] [illegible] (~~O [illegible]~~ Vez —
[illegible] [illegible]
[illegible] amável, ~~[illegible]~~ [illegible], é [illegible]
muito. O amor desperta)

As a detective story it is first rate in the third order. It is a good intelligent thriller. The one outstanding feature is the Chinese detective, who is really picturesque. The tread on the official police is ridiculously heavy: Captain Flannery is too much of a sub-Lestrade.

The mystery is fairly well kept back but, as usual in these stories, or this type of stories, there is not absolute fairness to the reader. The story could easily have been devised with more of that fairness.

It is, however, extremely readable and not easy to drop once begun.

BIBLIOTECA NACIONAL

Sous separados lentes,

~~[illegible]~~

Os cancros da mãe ~~[illegible]~~ tontinam, sonsonam,

de accordo, parece com a minha

[illegible] C'a [illegible] ~~[illegible]~~ [illegible] ~~[illegible]~~

~~[illegible]~~ e no [illegible]. O

Rio é tepido e um pouco [illegible].

Nos [illegible] ha, por [illegible],

[illegible] a [illegible],

a mas [illegible] ha no [illegible].

trecho a trecho
Releio lucido, demoradamente, xxxxxxxxxxxxxx tudo quanto tenho escripto. E acho que tudo é nullo e mais valera que eu o não houvesse feito. As coisas conseguidas, sejam imperios ou phrases, teem, porque se conseguiram, aquella peor parte das coisas reaes, que é o sabermos que são pareciveis. Não é isto, porém, que sinto e me doe no que fiz, nestes lentos momentos em que o releio. O que me doe é que não valeu a pena fazel-o, e que o tempo que perdi no que fiz, o não ganhei senão na illusão, agora desfeita, de ter xxxxx valido a pena fazel-o.

Tudo quanto buscamos, buscamol-o por uma ambição, mas essa ambição ou não se attinge, e somos pobres, ou julgamos que a attingimos, e somos loucos ricos.

que
O que me doe é que o melhor é mau, e/outro, se o houvesse, e que eu sonho, o haveria feito melhor. Tudo quanto fazemos, na arte ou na vida, é a copia imperfeita do que pensámos em fazer. Desdiz, não só da perfeição externa, senão da perfeição interna; falha não só à regra do que deveria ser, senão à regra do que julgavamos que poderia ser. Somos ôcos não só por dentro, senão tambem por fóra, parias da anticipação e da promessa.

Com que vigor da alma sòsinha fiz pagina sobre pagina reclusa, vivendo syllaba a syllaba a magia falsa, não do que escrevia, mas do que suppunha que escrevia! Com que encantamento de bruxedo ironico me julguei poeta da minha prosa, no momento alado em que ella me nascia, mais rapida que os movimentos da penna, como um desforço fallaz aos insultos da vida! E afinal, hoje, relendo, vejo rebentar meus bonecos, sahir-lhes a palha pelos rasgos, despejarem-se xxxxxx sem ter sido...

BIBLIOTECA NACIONAL

2·65

Chuva sou eu para cima? Só uma
vez acaso caminho

156

O meu coração imagina-se sem
querer, como um balde roto.
Pensar? Sentir? Como tudo
causa-se é uma coisa
diferente!
—

BIBLIOTECA NACIONAL

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto

me vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

2.66

L de D

~~Que~~ Um habito de emissão
ou de sonho, qualquer coisa
que faça quasi sentir, pois
quer coisa que faça não
pensar.

157

BIBLIOTECA NACIONAL

to de estudantes

ada desapparece, assim,
apho em seu conjuncto.
ceridade na ligação do
ulta vileza e impudor
na transcripção ficticia,
seu unico sentido.
que esta vileza, é a pro-
dos estudantes. Escre-
e? Ha trez cousas com
le velho ou de jovem,
rincar com ellas é um
a baixeza da alma: são
a loucura. Se, porém, o
reveu a serio, ou crê
não crendo, usa o pare-
ar. Só a ultima canalha
, e em publico. Só qual-
a imita esse insulto, sa-

lr. Arthur Leitão, se es-
pathico, escreveu-o com-
lo conselho, então dicta-
ue tinha comsigo toda a
o Estado e da Tradição;
o, sem duvida exerceria,
uma acção largamente

hor calculo. Entrinchei-
o Governo Civil e na
olica e na monarchia —,
de toda a imprensa e da
de qualquer protesto,
damente. Atacam e in-
mem que não os atacou,
uco acompanhado que é
posição que o torne peri-
influencia que torne pre-
pondo que ella em sua
foram movidos a esse in-
que os devera demover,
manifesto em que sem
alta intelligencia e se
nidade. Estupidos e sor-
zes de conceder a possi-
eio que não comprehen-
-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão, que

V. Ex.ª com todas as mais
cautelas necessárias
fico entretanto, e
com a maior consideração
subscrevo
de V. Ex.ª
Or.º Criado Venr.

Exmos. Srs. Directores do
Banco Nacional Ultramarino
Lisboa.

Orf. Augusto
Lisboa 6/4/1933

Exmos. Senhores

Acuso recebo, e muito agradeço,
a Vossa carta de
1. Exmo. de 3 do Abril, da
qual tomei o devido
conhecimento, e fico
Vx^s ao dispor.

Desejo, finalmente, obtemperar
as negociações para o fim
pleno da casa, a fim
alludida na minha carta
ao Snr. Senhor Julio Schmidt
Feito isto, e assente todas
as condições da transacção,
tornarei à presença de

BIBLIOTECA NACIONAL

[...]

Journée à journée
la fraîcheur — à mesure
que le chemin devient de plus en plus

não se subordinou a nada —
nem a um homem, nem a
um amor, nem a uma
idéa, ter aquella independencia
— singular que consiste em
não ser na verdade — nem, a
a homem, no conhecimento
lidade do conhecimento
d'elle — tal é o estado em que
parece-me, deva de comer,
para comsigo mesma, a mi-
nima intellectual de que
não vivem aems pensar. Per-
tener — sis a banalidade.
Cada, ideal, mulher ou pro-
fissão — tudo isso é a cella —
a algumas. Ao é star livre.
A mesma ambição, é commum
fazer, ~~Fausto~~ não-nos ap-
proximamos se compulsionam
uns aos outros pelo que nos
pusam. Nós: nem ligação com-
nosco! Livres de nós como os

Contemplation
Vivienne
Destinées
Mais encore
Libertine
Mais encore
Mais encore

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa á todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberàlismo e da democracia é já o transbordar das fôrças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Concluo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

~~Textos~~ L. do D.

A literatura, que é a arte casada com o pensamento, e a realização sem a macula da realidade, parece-me ser o fim para que deveria tender todo o exforço humano, se fôsse verdadeiramente humano, e não uma superfluidade do animal. Creio que dizer uma coisa é extrahir-lhe a virtude e tirar-lhe o terror. Os campos são mais verdes do dizer-se do que na seu verdor. As flores, se forem descriptas com phrases que as definam no ar da imaginação, terão côres de uma permanencia que a vida cellular não permitte.

Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver. Não ha nada de real na vida que o não seja porque se descreveu bem. Os criticos da casa pequena soem apontar que tal poema, longamente rhythmado, não quere, afinal, dizer senão que o dia está bom. Mas dizer que o dia está bom é difficil, e o dia bom, elle mesmo, passa. Temos pois que conservar o dia bom em uma memoria florida e prolixa, e assim constellar de novas flores ou de novos astros os campos ou os céus da exterioridade vazia e passageira.

Tudo é o que somos, e tudo será, para os que nos seguirem na diversidad do tempo, conforme nós intensamente o houvermos imaginado, isto é, o houvermos, com a imaginação mettida no corpo, verdadeiramente sido. Não creio que a historia seja mais, em seu grande panorama desbotado, que um decurso de interpretações, um consenso confuso de testimunhos distrahidos. O romancista é todos nós, e narramos quando vemos, porque ver é complexo como tudo.

Tenho neste momento tantos pensamentos fundamentaes, tantas coisas verdadeiramente metaphysicas que dizer, que me canço de repente, e decido não escrever mais, não pensar mais, mas deixar ~~xxx hixx pxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ que a febre de dizer me dê somno, e eu faça festas com os olhos fechados, como a um gato, a tudo quanto poderia ter dito.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Releio, em uma d'estas (essas) somnolencias sem somno, em que nos entretemos intelligentemente sem a intelligencia, algumas das paginas que formarão, todas junctas, o meu livro de impressões sem nexo. E d'ellas se sobe, como um cheiro de coisa conhecida, uma impressão deserta de monotonia. Sinto que, ainda ao dizer que sou sempre differente, disse sempre a mesma coisa; que sou mais analogo a mim mesmo do que quereria confessar; que, em fecho de contas, nem tive a alegria de ganhar nem a emoção de perder. Sou uma ausencia de saldo de mim mesmo, de um equilibrio involuntario que me desola e enfraquece.

Tudo, quanto escrevi, é pardo. Dir-se-hia que a minha vida, ainda a mental, era um dia de chuva lenta, em que tudo é desacontecimento e penumbra, privilegio vazio e razão esquecida. Desolo-me a sêda rota. Desconheço-me a luz e tedio.

Meu exforço humilde, de sequer dizer quem sou, de registrar, como uma machina de nervos, as impressões minimas da minha vida subjectiva e aguda, tudo isso se me esvasiou como um balde em que esbarrassem, e se molhou pela terra como a agua de tudo. Fabriquei-me a tintas falsas, resultei a imperio de trapeira. Meu coração, de quem fiei os grandes acontecimentos da prosa vívida, parece-me hoje, escripto na distancia d'estaspaginas relidas com outra alma, uma bomba de quintal de provincia, installada por instincto e manobrada por serviço. Naufraguei sem tormenta num mar onde se póde estar de pé.

E pergunto ao que me resta de consciente nesta serie confusa de intervallos entre coisas que não existem, de que me serviu encher tantas paginas de phrases em que acreditei como minhas, de emoções que senti como pensadas, de bandeiras e pendões de exercitos que são, afinal, papeis colados com cuspo pela filha do mendigo debaixo dos beiraes.

Pergunto ao que me resta de mim a que vem estas paginas inuteis, consagradas ao lixo e ao desvio, perdidas antes de ser entre os papeisrasgados do Destino.

Pergunto, e prosigo. Escrevo a pergunta, embrulho-a em novas phrases, desmeado-a de novas emoções. E amanhã tornarei a escrever, na sequencia do meu livro estupido, as impressões diarias do meu desconvencimento com frio.

Sigam, taes como são. Jogado o dominó, e ganho o jogo, ou perdido, as pedras viram-se para baixo e o jogo findo é negro.

BIBLIOTECA NACIONAL

Na minha alma ignobil e profunda registro, dia a dia, as impressões que formam a substancia externa da minha consciencia de mim. Ponho-as em palavras vadias, que me desertam desde que as escrevo, e erram, independentes de mim, por encostas e relvados de imagens, por aleas de conceitos, por azinhagas de confusões. Isto de nada me serve, pois nada me serve de nada. Mas desapoquento-me escrevendo, como quem respira melhor sem que a doença haja passado.

Na quem, estando distrahido, escreva riscos e nomes absurdos no mata-borrão de cantos entalados. Estas paginas são os rebiscos da minha inconsciencia intellectual de mim. Traço-as numa modorra de me sentir, como um gato ao sol, e releio-as, por vezes, com um vago pasmo tardio, como o de me haver lembrado de uma coisa que sempre esquecera.

BIBLIOTECA NACIONAL

AGENTE _____

LOCALIDADE _____

OBS. _____

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Janeiro . .													
Fevereiro.													
Março. . .													
Abril . . .													
Maio . . .													
Junho. .													
Julho. . .													
Agosto . .													
Setembro.													
Outubro. .													
Novembro.													
Dezembro													

(2)

163

Quando escrevo, visito-me solemnemente. Tenho salas especiaes, recordadas por outrem em interticios da figuração, onde me deleito analysando o que não sinto, e me examino como a um quadro na sombra.

Perdi, antes de nascer, o meu castello antigo, Foram vendidas; antes que eu fôsse, as tapeçarias d meu palacio ancestral. O meu solar de antes da vida cahiu em ruina, e só em c rtos momentos, quando o luar nasce em mim de sobre os junces do rio, me ~~sopra~~ a saudade dos lados de ~~xxx~~ onde o resto das paredes se recorta contra o céu de azul ~~negro~~ esbranquiçado a amarello de leite.

Distingo-me a esphynges. E' do regaço da rainha que me falta, cahe, como um episodio do bordado inutil, o novello esquecido da minha alma. Rola para debaixo do contador com embutidos, e ha aquillo em mim que o segue até que se perde num grande horror de tumulo e de fim.

BIBLIOTECA NACIONAL

AGENTE _____

LOCALIDADE _____

OBS. _____

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Janeiro . .													
Fevereiro.													
Março. . .													
Abril . . .													
Maio . .													
Junho. .													
Julho. . .													
Agosto . .													
Setembro.													
Outubro . .													
Novembro.													
Dezembro													

21/2/1930.

L. do D.

165

De repente, como se um destino medico me houvesse operado de uma cegueira antiga com grandes resultados subitos, ergo a cabeça, da minha vida anonyma, para o conhecimento claro de como existo. E vejo que tudo quanto tenho feito, tudo quanto tenho pensado, tudo quanto tenho sido, é uma especie de engano e de loucura. Maravilho-me do que consegui não ver.

~~Vejo~~, como numa extensão ao sol, a minha vida passada; e noto, com um pasmo metaphysico, como todos os meus gestos mais certos, as minhas idéas mais claras, e os meus propositos mais logicos, não foram, afinal, mais que a bebedeira nata, loucura natural, grande desconhecimento.

Tudo quanto tenho feito, pensado, sido, é uma somma de subordinações, ou a um ente falso que julguei meu, por que agi d'elle para fóra, ou de um peso de circumstancias que suppuz ser o ar que respirava. Sou, neste momento de ~~visas~~, um ~~exilado~~ subito, que se reconhece desterrado onde se encontrou sempre cidadão.

Vem-me, então, um terror sarcastico da vida, um desalento que passa os limites da minha individualidade consciente. Sei que fui erro e descaminho, que nunca vivi, que existi sòmente porque enchi tempo com consciencia e pensamento. E a minha sensação de mim e a de quem accorda depois de um somno cheio de sonhos reaes, ou a de quem é liberto, ~~contra vontade~~, da ~~uma cadeia~~ a que se habituara.

Pesa-me, realmente me pesa, como uma condemnação a conhecer, esta noção repentina da minha individualidade verdadeira, essa que andou sempre ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ viajando ~~naturalmente~~ entre o ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ que sente e o que vê.

É tam difficil descrever o que se sente quando se sente que realmente se existe, e que a alma é uma entidade real, que não sei quaes são as palavras humanas com que possa definil-o. Não sei se estou com febre, como sinto, se deixei de ter a febre de ser ~~exaltado~~ vida. Sou como um viajante que de repente se encontre numa villa extranha, sem saber como ~~xxxxxxxxxxx~~ alli chegou; e occorrem-me esses casos dos que perdem a memoria, e são outros durante muito tempo. Fui outro durante muito tempo - desde a nascença e a ~~xxxxxx~~ consciencia -, e accordo agora no meio da ponte, debruçado sobre o rio, e sabendo que existo mais firmemente do que fui até aqui. Mas a cidade é -me incognita, as ruas novas, e o mal sem cura. Espero, pois, debruçado sobre a ponte, que me passe a verdade, e eu me restabeleça nullo e ficticio, intelligente ~~xxxxxxxx~~ e natural.

Foi um momento, e já passou. Já vejo os moveis que

me cercam, os desenhos do papel velho das paredes, o sol pelas vidraças poeirentas. Vi a verdade um momento. Fui um momento, com consciencia, o que os grandes homens são com a vida. ~~Com a vida?~~ Com a vida? Recordo-lhes os actos e as palavras, e não sei se não foram tambem tentados ~~victoriosamente~~ Vencidamente pelo Demonio da Realidade.

E, por fim, tenho somno, porque, não sei porque, acho que o ~~sentido~~ sentido é dormir.

Fui um momento, e vi-me.
Depois fui mais um pouco
e vi o que foi.

Não sabia se vi e ouvi.
Sabia mal a vista e
pensar. Sabia a vi, a
repeti, uma vez
momento custado,
e tornei a entrar
a minha fantasia
interior, da fantasia
magna do alma. Fui
ou fui sabia certa
tudo, consumi tudo.
Jaci vis vis até a vis.

L. do D. 166

Outra vez encontrei um trecho meu, escripto em francez, sobre o qual haviam passado já quinze annos. Nunca estive em França, nunca lidei de perto com francezes, nunca tive exercicio, portanto, d'aquella lingua, de que me houvesse d shabituado. Lei hoje tanto francez como sempre li. Sou mais velho, sou mais practico de pensamento: deverei ter progredido. E esse trecho do meu passado longinquo tem uma segurança no uso do francez que eu hoje não possúo; o estylo é fluido, como hoje o não poderei ter naquelle idioma; ha trechos inteiros, phrases completas, fórmas e modos de expressão, que accentuam um dominio d'aquella lingua de que me extravei sem que me lembrasse que o tinha. Como se explica isto? A quem me substitui dentro de mim?

Bem sei que é facil formar uma theoria da fluidez das coisas e das almas, comprehender que sómos um decurso interior de vida, imaginar que o que somos é uma quantidade grande, que passamos por nós, que fomos muitos... Mas aqui ha outra coisa que não o mero decurso da personalidade entre as proprias margens: ha o outro absoluto, um ser alheio que foi meu. Que perdesse, com o accrescimo de edade, a imaginação, a emoção, um typo de intelligencia, um modo do sentimento - tudo isso, fazendo-me pena, me não faria pasmo. Mas a que assisto quando me leio como a um extranjo? A que beira estou se me vejo no fundo?

Outras vezes encontro trechos que me não lembro de ter escripto - o que é pouco para pasmar -, mas que nem me lembro de poder ter escripto - o que me apavora. Certas phrases são de outra mentalidade. E como se encontrasse um retrato antigo, sem duvida meu, com uma estatura differente, com umas feições incognitas - mas indiscutivelmente meu, pavorosamente eu.

BIBLIOTECA NACIONAL

---

1 de 1

L. do D.

167

Tudo se me evapora. A minha vida inteira, as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora. Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro. Aquillo a que assisto é um espectaculo com outro scenario. E aquillo a que assito sou eu.

Encontro ás vezes, na confusão vulgar das minhas gavetas literarias, papeis escriptos por mim ha dez annos, ha quinze annos, ha mais annos talvez. E muitos d'elles me parecem de um extranho; desreconheço-me nelles. Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os eu, mas foi como em outra vida, de que houvesse agora dispertado como de um somno alheio.

É frequente eu encontrar coisas escriptas por mim quando ainda muito jovem - trechos dos dezasete annos, trechos dos vinte annos. E alguns teem um poder de expressão que me não lembro de poder ter tido nessa altura da vida. Ha em certas phrases, em varios periodos, de coisas escriptas a poucos passos da minha adolescencia, que me parecem producto de tal qual sou agora, educado por annos e por coisas. Reconheço que sou o mesmo que era. E, tendo sentido que estou hoje num progresso grande do que fui, pergunto onde está o progresso se então era o mesmo que hoje sou.

Ha nisto um mysterio que me desvirtúa e me opprime.

Ainda ha dias soffri uma impressão espantosa com um breve escripto do meu passado. Lembro-me perfeitamente de que o meu escrupulo, pelo menos relativo, pela linguagem data de ha poucos annos. Encontrei numa gaveta um escripto meu, muito mais antigo, em que esse mesmo escrupulo estava fortemnete accentuado. Não me comprehendi no passado positivamente. Como avancei para o que já era? Como me conheci hoje o que me desconheci hontem? E tudo se me confunde num labyrintho, onde, commigo, me extravio de mim.

Envenejo com o pensamento, e estou certo que isto que escrevo, já o escrevi. Recórdo. E pergunto ao que em mim presume do ser se não haverá no platonismo das sensações outra anamnese mais inclinada, outra recordação de uma vida anterior que seja apenas d'esta vida.....

Meu Deus, meus Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervallo que ha entre mim e mim?

L. do D.

e ouvi
Vi/hontem um grande homem. Não quero dizer um grande homem attribuido, mas um grande homem que verdadeiramente o é. Tem valia, se a ha neste mundo; conhecem que tem valia; e elle sabe que o conhecem. Tem, pois, todas as condições para que eu o chame um grande homem. É, effectivamente, o que o chamo.

O aspecto physico é de um commerciante cansado. A cara tem traços de fadiga, mas tanto poderiam ser de pensar de mais como de não viver hygienicamente. Os gestos são quaesquer. O olhar tem uma certa viveza - privilegio de quem não é myope. A voz é um pouco embrulhada, como se os inicios da paralysia geral estragassem essa emissão da alma. E a alma emittida discursa sobre a politica de partidos, sobre a desvalorização do escudo, e sobre o que ha de réles nos collegas da grandeza.

Se eu não soubesse quem elle é, não o conheceria pela estampa. Sei bem que não ha que fazer dos grandes homens aquella idéa heroica que as almas simples formam: que um grande poeta ha de ser um Apollo de corpo e uma Napoleão de expressão; ou, com menos exigencias, um homem de distincção e um rosto expressivo. Sei bem que estas coisas são humanidades naturaes e absurdas. Mas, se não se espera tudo ou quasi tudo, espera-se todavia alguma cousa. E, quando se passa da figura vista para a alma fallada, não ha sem duvida que esperar espirito ou vivacidade, mas ha ao menos que contar com intelligencia, com, ao menos, a sombra da elevação.
Tudo isto - estas desillusões humanas - nos faz pensar no que pode realmente haver de verdade no conceito vulgar de inspiração. Parece que este corpo destinado a commerciante e esta alma destinada a homem educado são, quando estão a sós, investidos mysteriosamente de qualquer cousa interior que lhes é externa, e que não fallam, senão que se falla nelles, e a voz diz o que fôra mentira que elles dissessem.

São especulações casuaes e inuteis. Chego a ter pena de as ter. Não diminue com ellas a valia do homem; não augmenta com ellas a expressão do seu corpo. Mas, na verdade, nada altera nada, e o que dizemos ou fazemos roça só os cimos dos montes, em cujos valles dormem as coisas.

BIBLIOTECA NACIONAL

Jaeger

T R E C H O 169

DE UM "LIVRO DO DESASOCEGO, COMPOSTO POR BERNARDO SOARES, AJUDANTE DE GUARDA-LIVROS NA CIDADE DE LISBOA"

Durei
~~xxxxx~~ horas incognitas, momentos successivos sem relação, no passeio em que fui, de noite, á beira sosinha do mar. Todos os pensamentos, que teem feito viver homens, todas as emoções, que os homens teem deixado de viver, passaram por minha mente, como um resumo escuro da historia, nessa minha meditação andada á beira-mar.

Soffri em mim, commigo, as aspirações de todas as eras, e commigo passearam, á beira ouvida do mar, os desasocegos de todos os tempos. O que os homens quizeram e não rizeram, o que ~~xxxxxxx~~ mataram fazendo-o, o que as almas foram e ninguem disse - de tudo isto se formou a alma sensivel com que passeei de noite á beira-mar. E o que os amantes extranharam no outro amante, oq ue a mulher occultou sempre ao marido a quem ~~xxx~~, o que a mãe pensa do filho que não teve, o que teve fórma só num sorriso ou numa opportunidade, num tempo que não foi esse ou numa emoção que falta - tudo isso, no meu passeio á beira-mar, foi commigo e voltou commigo, e as ondas estorciam magnamente o acompanhamento que me fazia dormil-o.

Somos quem não somos, e a vida é prompta e triste. O som das ondas á noite é um som da noite; e quantos o ouviram na propria alma, como a esperança constante que se desfaz no escuro com um som surdo de espuma funda! Que lagrimas choraram os que obtiveram, que lagrimas perderam os que conseguiram! E tudo isto, no passeio á beira-mar, se me tornou o segredo da noite e a confidencia do abysmo. Quantos somos! Quantos nos enganamos! Que mares soam em nós, na noite de sermos, pelas praias que nos sentimos nos alagamentos da emoção!

Aquillo que se perdeu, aquillo que se deveria ter querido, aquillo que se obteve e satisfez por erro, o que amámos e perdemos e, depois de perder, vimos, amando por tel-o perdido, que o não haviamos amado; o que julgavamos que pensavamos quando sentiamos; o que era uma memoria e criamos que era uma emoção; e o mar todo, vindo lá, rumoroso e fresco, do grande fundo de toda a noite, a estuar fino na praia, no decurso nocturno do meu passeio á beira-mar...

Quem sabe sequer o que pensa, ou o que deseja? Quem sabe o que é para si-mesmo? Quantas coisas a musica suggere e sabe bem que não possam ser! Quantas a noite recorda e choramos, e não foram nunca! Como uma voz alta da ~~noite~~ la-

BIBLIOTECA NACIONAL

deitada ao comprido, a enrolação da onda ~~xxxxxx~~ estoira e esfria e ha um salivar audivel pela praia invisivel fóra.

Quanto morro se sinto por tudo! Quanto sinto se assim vagueio, incorporeo e humano, com o coração parado como uma praia, e todo o mar de tudo, na noite em que vivemos, batendo alto, chasco, e esfria-se, no meu eterno passeio nocturno á beira-mar!

FERNANDO PESSOA

L. do D. 170 20/7/1930.

Quando durmo muitos sonhos, venho para a rua, de olhos abertos, ainda com o rastro e a segurança d'elles. E pasmo do automatismo meu com que os outros me desconhecem. Porque atravesso a vida quotidiana sem largar a mão da ama astral, e os meus passos na rua vão concordes e consoantes com obscuros designios da imaginação de dormir. E na rua vou certo; não cambaleio; respondo bem; existo.

Mas, quando ha um intervallo, e não tenho que vigiar o curso da minha marcha, para evitar vehiculos ou não estorvar peões, quando não tenho que fallar a alguem, nem me pesa a entrada para uma porta proxima, largo-me de novo nas aguas do sonho, como um barco de papel dobrado em bicos, e de novo regresso á illusão mortiça que me acalentara a vaga consciencia da manhã nascendo entre o som dos carros que hortaliçam.

E então, em plena vida, é que o sonho tem grandes cinemas. Desço uma rua irreal da Baixa e a realidade das vidas que não são ata-me, com carinho, a cabeça num trapo branco de reminiscencias falsas. Sou navegador num desconhecimento de mim. Venci tudo onde nunca estive. E é uma brisa nova esta somnolencia com que posso andar, curvado para a frente numa marcha sobre o impossivel.

Cada qual tem o seu alcool. Tenho alcool bastante em existir. Bebado de me sentir, vagueio e ando certo. Se são horas, recolho ao escriptorio como qualquer outro. Se não são horas, vou até ao ric fitar o rio como qualquer outro. Sou egual. E por traz de isso, ceu meu, constello-me ás escondidas e tenho o meu infinito.

BIBLIOTECA NACIONAL

16/7/1930.

171

L. do D.

A vida pode ser sentida como uma nausea no estomago, a existencia da propria alma como um incommodo dos musculos. A desolação do espirito, quando agudamente sentida, faz marés, de longe, no corpo, e doe por delegação.

Estou consciente de mim em um dia, em que a dor de ser consciente é, como diz o poeta,

languidez, mareo
y angustioso afán.

BIBLIOTECA NACIONAL

TOSCANO & CRUZ, LIMITADA
RUA DE S. PAULO 72
LISBOA

L. do D.

O olfacto é uma vista estranha. Evoca paysagens sentimentaes por um desenhar subito do subconsciente. Tenho sentido isto muitas vezes. Passo numa rua. Não vejo nada, ou, antes, olhando tudo, vejo como toda a gente vê. Sei que vou por uma rua e não sei que ella existe com lados feitos de casas differentes e construidas por gente humana. Passo numa rua. De uma padaria sahe um cheiro a pão que nauseia por doce no cheiro d'elle: e a minha infancia ergue-se de determinado bairro distante, e outra padaria me surge d'aquelle reino das fadas que é tudo que senos morreu. Passo numa rua. Cheira de repente ás fructas do taboleiro inclinado da loja estreita; e a minha breve vida de campo, não sei já quando nem onde, tem arvores ao fim e socego no meu coração, indiscutivelmente menino. Passo uma rua. Transtorna-me, sem que eu espere, um cheiro aos caixotes do caixoteiro: ó meu Cesario, apparece-me e eu sou emfim feliz porque regressei, pela recordação, á unica verdade, que é a literatura.

BIBLIOTECA NACIONAL

CONDIÇÕES GERAES DE VENDA

Os preços das nossas ofertas são só a titulo ilucidativo e sómente obrigam após a nossa confirmação e nas condições ahi preceituadas.

A firma não se responsabilisa pela entrega nos prasos indicados, sempre que o fabrico e a entrega dependam de terceiros.

Os pagamentos fazem-se nas prestações que se combinarem, sendo a primeira sempre no acto da encomenda valendo unicamente como signal.

O comprador perde o direito ao signal entregue por conta da encomenda quando depois de avisado de que a mercadoria está pronta a seguir não satisfaça os seus compromissos no praso maximo de oito dias a contar da data do nosso aviso, ficando nós com o direito de rescindir ou não o contracto.

No caso do material fornecido não funcionar devidamente fica-nos reservado o direito de o substituir ou de o recebermos restituindo as quantias em nosso poder.

No caso do não cumprimento do contracto, qualquer que seja o motivo a nossa responsabilidade nunca poderá ir além da restituição de o dobro da importancia entregue pelo cliente.

No caso de divergencia com o cliente sómente serão admitidos os tribunaes de Lisboa.

Estas condições regulam todas as transações e seus detalhes quando por documento não se estipule diferentemente; continuando porém a aplicar-se as condições geraes acima mencionadas em tudo que não seja alterado.

TOSCANO & CRUZ, LIMITADA

RUA DE S. PAULO, 117

LISBOA,

N/REF.

S/REF.

ENDEREÇO TELEGRAFICO: DUTOSCANO
ENDEREÇO POSTAL: APARTADO 90 LISBOA
CODIGO A. B. C. 5.TH EDITION E BENTLEY

TELEFONE C. 660

27/7/1930.

173

L. do D.

A maioria da gente ~~soffre~~ enferma de não sabe dizer o que ~~se~~ vê e o que pensa. Dizem que não ha nada mais difficil do que definir em palavras uma espiral: é preciso, dizem, fazer no ar, com a mão sem literatura, o gesto, ascedentemente enrolado em ordem, com que aquella figura abstracta das molas se manifesta aos olhos. Mas, desde que nos lembremos que dizer é renovar, definiremos sem difficuldade uma espiral: é um circulo que sobe sem nunca conseguir acabar-se. ~~Ninguem, excepto~~ A maioria da gente, sei bem, não ousaria definir assim, porque suppõe que definir é dizer o que os outros querem que se diga, que não o que é preciso dizer para definir. Direi melhor: uma espiral é um circulo ~~que~~ virtual que se ~~multiplica~~ ~~a~~ subir sem nunca se realizar. Mas não, a definição ainda é abstracta. Buscarei o concreto, e tudo será visto: uma espiral é uma cobra sem cobra ~~que se~~ enrosca verticalmente a coisa nenhuma.

Toda a literatura consiste num exforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal na sua realidade directa; os campos, as cidades, as idéas, são coisas absolutamente ficticias, filhas da nossa complexa sensação de nós mesmos. São intransmissiveis todas as impressões salvo se as tornarmos literarias. As creanças são muito literarias porque dizem como sentem e não como deve sentir quem sente segundo outra pessoa. Uma creança, que uma vez ouvi, disse, querendo dizer que estava á beira de chorar, não "tenho vontade de chorar", que é como diria um adulto, isto é um ~~individuo declarado para~~ estupido, ~~e~~não isto, "Tenho vontade de lagrimas". E esta phrase, absolutamente literaria, a ponto de ser ~~impossivel~~ affectada num poeta celebre, se elle a pudesse dizer, refere resolutamente a presença quente das lagrimas a romper das palpebras conscientes da amargura liquida.(liquefeita). "Tenho vontade de lagrimas"! Aquella creança pequena definiu bem a sua espiral.

Dizer! Saber dizer! Saber existir pela voz escripta e a imagem intellectual! Tudo isto é quanto a vida vale: o mais é homens e mulheres, amores suppostos e vaidades facticias, subterfugios da digestão e do esquecimento, remexendo-se, como bichos quando se levanta uma pedra, sob o grande pedregulho abstracto do ceu azul sem sentido.

L. & D.

25/7/1928

174

Nunca amamos alguém. Amamos, tão simplesmente, a idéa que fazemos de alguem. É um conceito nosso — em summa é dos nossos sentimentos — que amamos.

Isto é verdade em toda a escala do amor. No amor sexual buscamos um prazer nosso dado por intermedio de um corpo estranho. No amor differente do sexual, buscamos um prazer nosso dado por intermedio de uma idéa nossa. O amante é abjecto, mas tem exacta verdade, o amante é [illegible] longe do amoroso. É o unico que não dis-farça nem se engana.

"Os relacionamentos entre uma alma e outra, a troca de coisas tão mentais e divergentes como as palavras communs e a propria [illegible] comprehensão, são materia de extrema complexidade. No proprio acto em que nos confessamos, nos confessamos. Dizemos ou dá-se "confessão" ou pensamo-o e sentimo-o por troca a cada um passo seguir uma idéa differente, uma vida differente, até, provavelmente, uma cor e um aroma differentes, na somma abstracta de impressões — [illegible] constituem [illegible] a alma.

BIBLIOTECA NACIONAL

Esta boa Emília como a ai contava
bem pensava i' um claro como um
espelho, mas o tempo corria. Se ella
se ~~dizia~~ explicava. E elles assistiam,
sem fazer o abandono, mas nasciam de
uma alguma — a causa alguma, pelo
menos, que os estava na platéa
consciencia. Talvez aquella desillusão
Caixeiro e Praça em a separação que
tinha, talvez porque pleno lhe não
cria amassos uma a jovens trans-
viados dos estrangeiros, pelo até
uma vaga vontade de fugir com
aquelle ao menos physicamente...
Dominava o scholiasta de Virgilio. E'
de completo que estudo uns
cansaços. Virar e' aos ~~esperdiçar~~
~~nada~~.

175

10/XII/1930.

L; do D.

Tenho grandes estagnações. Não é que, como toda a gente, esteja dias sobre dias para responder num postal á carta urgente que me escreveram. Não é que, como ninguem, addie indefinidamente o facil que me é util, ou o util que me é agradavel. Ha mais subtileza na minha desintelligencia commigo. Estagno na mesma alma. Dá-se em mim uma suspensão da vontade, da emoção, do pensamento, e esta suspensão dura magnos dias; só a vida vegetativa da alma - a palavra, o gesto, o habito - me exprimem eu para os outros, e, atravez de elles, para mim.
reflectida

Nesses periodos da sombra, sou incapaz de pensar, de sentir, de querer. Não sei escrever mais que algarismos, ou riscos. Não sinto, e a morte de quem amasse far-me-hia a impressão de ter sido realisada numa lingua extrangeira, ~~que ignoro~~. Não posso; é como se dormisse e os meus gestos, as minhas palavras, os meus actos certos, não fossem mais que uma respiração peripherica, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ instincto rhythmico de um organismo qualquer.

Assim se passam dias sobre dias, nem sei dizer quanto da minha vida, se sommasse, se não haveria passado assim. Ás vezes occorre-me que, quando dispo esta paragem de mim, talvez não esteja na nudez que supponho, e haja ainda vestes impalpaveis a cobrir a eterna ausencia da minha alma verdadeira; occorre-me que pensar, sentir, querer tambem podem ser estagnações, perante um mais intimo pensar, um sentir mais meu, uma vontade perdida algures no labyrintho do que ~~xxxxxxxxx~~ realmente sou.

Seja como fôr, deixo que seja. E ao deus ou aos deuses que haja, e á sorte, seja o que fôr, dou de graça, como um sacrificio que tem que fingir-se voluntario, o que me resta de consciencia do mundo e de mim.

~~Seja como fôr, deixo que seja. E ao deus, ou aos deuses, que haja, largo da mão o que sou, conforme a sorte manda e o acaso faz, fiel a um compromisso esquecido.~~

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Não creio alto na felicidade dos animaes, senão quando me appetece fallar nella para moldura de um sentimento que a sua supposição saliente. Para se ser feliz é preciso saber-se que se é feliz. Não ha felicidade em dormir sem sonhos, senão sòmente em se ~~xxxx~~ dispertar sabendo que se dormiu sem sonhos. A felicidade está fóra da felicidade.

Não ha felicidade senão com conhecimento. Mas o conhecimento da felicidade é ~~infxx~~ infeliz; porque conhecer-se feliz é conhecer-se passando pela felicidade, e tendo, logo já, que deixal-a atraz. Saber é matar, na felicidade como em tudo. Não saber, porém, é não existir.

Só o absoluto de Hegel conseguiu, em paginas, sem duas coisas ao mesmo tempo. O não-ser e o ser não se fundem e confundem nas sensações e razões da vida: excluem-se, por uma synthese às avessas.

Que fazer? Isolar o momento como uma coisa e ser feliz agora, no momento em que se sente a felicidade, sem pensar senão no que se sente, excluindo o mais, excluindo tudo. Enjaular o pensamento na sensação,

---

o claro sorriso materno da terra cheia, o splendor fechado das trevas altas,

---

É esta a minha crença, esta tarde. Amanhã de manhã já não será esta, porque amanhã de manhã serei já outro. Que crente serei amanhã? Não o sei, porque era preciso estar já lá para o saber. Nem o Deus eterno em que hoje creio o saberá amanhã nem hoje, porque/amanhã/talvez já não tenha nunca existido. / elle

~~pxxqxx~~ hoje sou eu e

BIBLIOTECA NACIONAL

2-86

L. do D.

Passavamos, jovens ainda, sob as arvores altas e o vago sussurro da floresta. Nas clareiras, subitamente surgidas do acaso do caminho, o luar fazia-as lagos e as margens, emmaranhadas de ramos, eram mais noite que a mesma noite. A brisa vaga dos grandes bosques respirava com som entre o arvoredo. Fallavamos das cousas impossiveis; e as nossas vozes eram parte da noite, do luar e da floresta. Ouviamol-as como se fossem de outros.

Não era bem sem caminhos a floresta incerta. Havia atalhos que, sem querer, conheciamos, e os nossos passos ondeavam nelles entre os mosqueamentos das sombras e o palhetar vago do luar duro e frio. Fallavamos das coisas impossiveis e toda a paisagem real era impossivel tambem.

BIBLIOTECA NACIONAL

L; do D.

Ha muito tempo que não escrevo. Teem passado mezes sem que viva, e vou durando, entre o escriptorio e a physiologia, numa estagnação intima de pensar e de sentir. Isto, infelizmente, não repousa: no apodrecimento ha fermentação.

Ha muito tempo que não só não escrevo, mas nem sequer existo. Creio que mal sonho. As ruas são ruas para mim. Faço o trabalho do escriptorio com consciencia só para elle, mas não direi bem sem me distrahir: por traz estou, em vez de meditando, dormindo, porém estou sempre outro por traz do trabalho.

Ha muito tempo que não existo. Estou socegadissimo. Ninguem me distingue de quem sou. Senti-me agora respirar como se houvesse practicado uma cousa nova, ou atrazada. Começo a ter consciencia de ter consciencia. Talvez amanhã disperte para mim mesmo, e reate o curso da minha existencia propria. Não sei se, com isso, serei mais feliz ou menos. Não sei nada. Ergo a cabeça e vejo que, sobre a encosta do Castello, o poente opposto arde em dezenas de janellas, num reverbero alto de ~~xxxxxxx~~ fogo frio. Á roda d'esses olhos de chamma dura toda a encosta é suave do fim do dia. Posso ao menos sentir-me triste, e ter a consciencia de que, com esta minha tristeza se cruzou agora - visto com ouvido - o som subito do electrico que passa, a voz casual dos conversadores jovens, o sussurro esquecido da cidade viva.

Ha muito tempo que não sou eu.

8/1/1931.

BIBLIOTECA NACIONAL

Quanto mais avançamos na vida, mais nos convencemos de duas verdades que todavia se contradizem. A primeira é de que, perante a realidade da vida, soam pallidas todas as ficções da literatura e da arte. Dão, é certo, um prazer mais nobre que os da vida; porém são como os sonhos, em que sentimos sentimentos que na vida se não sentem, e se conjugam fórmas que na vida se não encontram; ~~porém que~~ são sonhos, de que se accorda, que não constituem memorias nem saudades, com que vivamos depois uma segunda vida.

A segunda é de que, sendo desejo de toda alma nobre o percorrer a vida por inteiro, ter experiencia de todas as coisas, de todos os logares e de todos os sentimentos vividos, e ~~xxxx~~ sendo isto impossivel, a vida só subjectivamente pode ser vivida por inteiro, só negada póde ser vivida na sua ~~xxxxxxxxx~~ substancia total.

Estas duas verdades são irreductiveis uma á outra. O sabio abster-se-ha de que as querer conjungar, e abster-se-ha tambem de repudiar uma ou outra. Terá comtudo que seguir uma, saudoso da que não segue; ou repudiar ambas, erguendo-se acima de si mesmo em um nirvana proprio.

Feliz quem não exige da vida mais do que ella espontaneamente lhe dá, guiando-se pelo instincto dos gatos, que buscam o sol quando ha sol, e o calor, onde quer que esteja, quando ~~xxxxx~~ não ha sol. Feliz quem abdica da sua personalidade pela imaginação, e se deleita na contemplação das vidas alheias, vivendo, não todas as impressões, mas o espectaculo externo de todas as impressões alheias. Feliz, por fim, esse que abdica de tudo, e aquem, porque abdicou de tudo, nada pode ser tirado nem diminuido.

O camponio, a leitor de novellas, o puro asceta - estes trez são os felizes da vida, porque são estes trez que abdicam da personalidade - um porque vive do instincto, que é impessoal, outro porque vive da imaginação, que é esquecimento, o terceiro porque não vive, e, não tendo morrido, dorme.

Nada me satisfaz, nada me consola, tudo - quer haja sido, quer não - me sacia. Não ~~xxxxx~~ quero ter a alma e não quero abdicar d'ella. Desejo o que não desejo e abdico do que não tenho. *Não posso ser nada nem tudo; sou a ponte de passagem entre o que não tenho e o que não quero.*

BIBLIOTECA NACIONAL

180

se apri-
sari fuori / una vigna
per poggio fatta assegnar-
mente.

Tutti in tre cifondi. Di
fatto fu record, e mi
ero: fu pieno; ne v'è, ogni
, più in distanza, notevol-
mente vigè.

Vino in vetro a' fanciulli
comprò, e mio figlio è tra-
per Mes Torres. S. Leo.
comò, per non portargli
Dal Pervenne; Di regnetti,
Dal Pervenne; Di regnetti,
@ [illegible] entero
Ayuto i fu pel, ma
pulita ma LAN. O fog-
gia fui fatto; e D- a mia
gia fui fatto; e D- a mia
Dalla [illegible] di Lo effetto-
Lik o
varmente vivra-

BIBLIOTECA NAZIONALE

Price

181

A musica da minha
condição não é estorvada
por estas palavras conjugadas
com pé firme, penso e penso
o meu livro carnal e
meditado. Subsisto nello
no fundo do lodo e a
presença, com meus pés
indissolubilmente no fundo do
cipo de onde se bebe só
agua. Escrevo a mi
litteratura como escrevem os
meus ~~[illegible]~~ lançamentos —
com cuidado e indifferença.
Ante o vasto céu estrellado
e o enigma de muitas
almas, a noite do abismo
incognito e o choro de
[illegible] — [illegible]
[illegible] que escrevo nos
caixa auxiliar e o
que escrevo nesta

CENTRAL 9566

TELEPHONE: CITY 0946-7
CODES: A B C 5TH, 6TH EDITIONS & BENTLEY

TO

F. & E. STONEHAM, LTD.,

THE CITY BOOKSELLERS,

79 CHEAPSIDE, LONDON, E.C.2, ENGLAND

Please send the following books
and charge to my account,
for which I enclose remittance } : :

Name .....

Address .....

.....

Price

Carried Forward

BIBLIOTECA NACIONAL

a tristeza determine fu-
turo em torno do corpo
grande — nós fumamos
como nas grandes exé-
quias nós pusemos como
nos funerais eternos

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha *toda a apparencia* [illegible]

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague?* Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehen-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, descull[illegible]